

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

LAÍS CRISTINA PARIS

MONSTRUOSA ERZSÉBET BÁTHORY:

a mulher por trás da Condessa Sangrenta

PORTO ALEGRE

2023

LAÍS CRISTINA PARIS

MONSTRUOSA ERZSÉBET BÁTHORY:

a mulher por trás da Condessa Sangrenta

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado ao Instituto de Letras da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
como requisito para a obtenção do título de
Licenciada em Letras – Alemão/Português.

Orientador: Prof. Dr. Claudio Vescia Zanini

PORTO ALEGRE

2023

CIP - Catalogação na Publicação

Cristina Paris, Lais
Monstruosa Erzsébet Báthory: a mulher por trás da
Condessa Sangrenta / Lais Cristina Paris. -- 2023.
49 f.
Orientador: Claudio Vescia Zanini.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Letras, Licenciatura em Letras: Língua Portuguesa e
Literaturas de Língua Portuguesa, Língua Alemã e
Literatura de Língua Alemã, Porto Alegre, BR-RS, 2023.

1. Erzsébet Báthory. 2. monstruosidade feminina. I.
Vescia Zanini, Claudio, orient. II. Título.

LAÍS CRISTINA PARIS

MONSTRUOSA ERZSÉBET BÁTHORY:

a mulher por trás da Condessa Sangrenta

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para a obtenção do título de Licenciada em Letras – Alemão/Português.

Porto Alegre, 04 de setembro de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Ma. Gabriela Pirotti Pereira (UFRGS)

Prof. Me. Arthur Maia Baby Gomes (UFRGS)

Prof. Dr. Claudio Vescia Zanini (orientador) (UFRGS)

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer à minha família, por ter sempre me incentivado a estudar e a me dedicar àquilo que quisesse, principalmente ao meu avô materno, Silvino Paris (*in memoriam*), por todas as histórias de vida, as brincadeiras que fazia comigo e com o Cadu, meu primo, e pelos momentos que passamos juntos. Estará sempre guardado na memória e no coração! À minha mãe, Nádia, por se dedicar ao meu aprendizado desde sempre e me incentivar a ler e escrever desde bem pequenininha. Às minhas tias, Naira e Priscila, por sempre me incentivarem a estudar; à minha avó materna, Aneli F. Paris, por sempre me contar histórias dos antepassados e me instigar a querer saber mais do mundo.

Agradeço também ao meu namorado, Gabriel F. Mayer, que está sempre disposto a ouvir minhas ideias e pensamentos mais mirabolantes, por todas as vezes que fomos ao cinema ou que assistimos filmes ou séries, pelas discussões sobre assuntos dos mais diversos, e pelas paródias que criamos ao longo da pandemia. Obrigada também pela paciência de me ouvir falar 24 horas por dia sobre alguma informação que descobri/achei para a escrita deste trabalho. Deixo um agradecimento especial ao Caramelo e à Sushi, essa duplinha felina que está sempre ao meu redor me cuidando e vindo pedir colo e carinho, enquanto tento ler ou estudar.

Ao meu orientador, Claudio Vescia Zanini, pelas conversas, reuniões e principalmente pelo presente que é tê-lo na UFRGS como professor. Obrigada por ter me aceito no grupo de pesquisa G.H.O.S.T. e por ter me orientado no vasto mundo vampiresco. Obrigada também aos colegas e amigos que o grupo de pesquisa me apresentou e/ou apertou mais os laços.

*...unquenched, unquenchable,
Around, within, thy heart shall dwell;
Nor ear can hear nor tongue can tell
The tortures of what inward hell.*

Lord Byron, *The Giaour* (1813)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a personagem Erzsébet Báthory, através das obras de Craft (2009) e Pizarnik (2011); a primeira se propõe a ser um relato de cunho majoritariamente historiográfico, contrapondo fatos e rumores; a segunda, por outro lado, se tem uma abordagem ficcional e, ainda que incorporando alguns elementos documentais, faz uso principalmente do imaginário coletivo criado a partir do exagero e da modificação – estes, característicos da tradição oral – a respeito da Condessa de Sangue. Como embasamento teórico são utilizados os autores Cohen (1996), Mulvey (1975), Reyes Ferrer (2014) e Delumeau (1978). Báthory era uma aristocrata casada com um herói de guerra e criada em um contexto afluente. Após a morte de seu marido, acabou exercendo um papel de destaque na sociedade, sendo mais poderosa e influente do que se esperaria de uma mulher em sua época. Fatores como ter a coroa como sua devedora e ter suas posses cobiçadas por diversos outros nobres – que talvez se sentissem ameaçados frente a uma mulher tão poderosa – contribuíram para que Báthory fosse monstrificada e perseguida politicamente, sendo transformada em uma figura monstruosa de forte presença na cultura pop até hoje.

Palavras-chave: Báthory. Condessa Sangrenta. Monstruosidade feminina. Kimberly L Craft. Alejandra Pizarnik.

ABSTRACT

The aim of this study is to analyze the figure of Erzsébet Báthory through her presence in the works of Craft (2009) and Pizarnik (2011); the former seeks to provide a mostly historiographic account, comparing facts and rumors; the latter, on the other hand, opts for a fictional approach and, even though it incorporates some non-fictional elements, its account is mainly based on the imaginary derived from exaggeration and alteration – features that are typical in oral tradition – about the Blood Countess. The works of as Cohen (1996), Mulvey (1975), Reyes Ferrer (2014) and Delumeau (1978) provide the theoretical background to this study. . Báthory was an aristocrat married to a war hero and member of a wealthy family. After her husband passed away, she ended up in a distinguished social position, acquiring much more power and influence than it could be expected from a woman in her times. Factors such as having the crown significantly indebted to her and having her possessions coveted by many other nobles –who might have felt threatened by such a powerful woman – facilitated the monsterring process and political prosecution that would take place around Báthory’s figure, which resulted in a monstrous character that has influenced pop culture up until today.

Keywords: Báthory. Blood Countess. Female monstrosity. Kimberly L Craft. Alejandra Pizarnik.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 ERZSÉBET	10
3 ESTUDANDO O MONSTRO FEMININO	30
4 BÁTHORY, A CONDESSA SANGRENTA	39
5 CONCLUSÃO	45
REFERÊNCIAS	47

1 INTRODUÇÃO

Imagine que você é uma mulher aristocrata que viveu no século XVI, casada com um homem honroso, herói de guerras, vive em um castelo cheio de criados e serviçais. Seu marido passa mais tempo lutando em guerras do que em casa; e você cuida dos afazeres enquanto ele está fora, mantém as finanças e a criadagem, demora para ter filhos e, quando os têm, tutores são contratados para cuidar e para dar aulas de línguas e matemática. Você tem uma vida aparentemente tranquila perante a sociedade húngara, mas por conta da sua imponência e riqueza, rumores são espalhados sobre como vive e como seus criados são tratados. Todos estão de olho nas suas posses. Após a morte de seu marido, aqueles que queriam uma fatia das suas riquezas resolvem promover mais rumores para condená-la por algo que todos os aristocratas faziam. Você é criticada, o rei quer a todo custo que você seja punida, mesmo que não haja provas para isso.

A mulher retratada acima era Erzsébet Báthory, uma condessa que viveu entre a Hungria e a Eslováquia, em uma época em que ser mulher e querer impor suas ideias, agir à sua maneira, era visto como ato de bruxaria, até mesmo algo monstruoso ou animalesco. Apesar disso, ela não deixou de ser a mulher que queria ser. Seguiu as regras da sociedade em que vivia, comparecia à igreja, aos eventos da corte Habsburga, aos casamentos e às reuniões de outros nobres.

O presente trabalho tem como objetivo analisar aspectos da figuração de Erzsébet Báthory, conhecida como ‘A Condessa Sangrenta’, enquanto personagem real na obra de Kimberly L. Craft (2009), e ficcional, na de Alejandra Pizarnik (2011), e suas perspectivas a respeito da vida dessa persona tão conhecida em obras de horror, sejam elas filmicas ou literárias. Será discutida a imagem de Erzsébet, as lendas e mitos a seu respeito, em contraponto com sua história e o contexto em que ela viveu.

A partir dessa contextualização, será feita uma análise da biografia *Infamous lady: the true story of countess Erzsébet Báthory* (CRAFT, 2009) e do romance gráfico *A Condessa Sangrenta* (PIZARNIK, 2011), tendo como suporte teórico principal Laura Mulvey (1975) e o conceito de ‘male gaze’, bem como Reyes Ferrer (2014) e sua abordagem à imagem deturpada da mulher dos séculos passados, e Jeffrey J. Cohen (1996) e suas teses sobre monstruosidade.

O papel histórico que foi destinado à mulher na sociedade é o de ser submissa, seguir regras criadas pelos homens, cuidar da casa, dar à luz muitos filhos e cuidar deles, ser recatada e obediente. Ou seja, um serviço voltado ao lar e aos filhos, afazeres domésticos em

geral. Além disso, a mulher sempre foi impedida de seguir seus próprios passos, sendo sempre criticada caso o fizesse. Ainda hoje, no século XXI, esse discurso machista faz-se presente, como se a mulher que não é ‘recatada’, não segue os parâmetros impostos por homens atrasados, não tivesse valor ou merecesse respeito.

Ao longo dos séculos, sabe-se que os homens nunca entenderam o poder feminino, da força que a mulher carrega, do poder de gerar vida, da sua capacidade de fazer e desenvolver o mesmo trabalho que homens desempenham. Se hoje em dia ainda é difícil viver a própria vida e construir a própria história, quem dirá como poderia ter sido ser mulher e viver entre os séculos XVI e XVII.

Essa imagem apresentada acima era exatamente a vida de uma figura histórica bem conhecida, Erzsébet Báthory, ou A Condessa Sangrenta. Báthory era uma aristocrata húngara, casada com Ferenc Nadasdy, que veio a se tornar herói de guerra. Ambos eram filhos de famílias influentes e ricas, pertencentes à corte dos Habsburgos, que queriam unir os filhos para manter o prestígio e o poder das maiores famílias da região.

Erzsébet nasceu no centro de uma família abastada e poderosa da Europa Central,¹ em 7 de agosto de 1560, em Nyírbátor, Hungria, filha dos Báthory ou Bátor. Teve os melhores ensinamentos, sendo bem diferente de muitas das mulheres de sua época, cresceu aprendendo várias línguas, além de sempre demonstrar interesse pelo ocultismo. Seus pais deram tanto a ela quanto a seus irmãos uma educação igualitária, podendo até brincar de luta de espadas e se vestir com trajes mais despojados, mas sem perder sua feminilidade quando em ambientes formais, nos quais ela gostava de se arrumar com vestidos e joias diversas.

Nos deparamos com essa figura histórica, cheia de misticismo e lendas ao seu respeito, sendo um pouco complicado separar a pessoa Erzsébet da persona Erzsébet. Por conta disso, este trabalho terá o desafio de tentar separar sua humanidade de sua monstruosidade. Mas, afinal, por que ela foi monstrificada? Quais os indícios de que ela realmente teria tomado banho de sangue? E por que ainda perpetuamos a lenda dos banhos de sangue?

¹ As partes aqui discutidas a respeito de Báthory enquanto figura histórica têm base em Craft (2009).

2 ERZSÉBET

Quando pensamos em Erzsébet Báthory, a primeira coisa que nos vem à cabeça é a imagem de uma mulher monstruosa, que tomava banho com o sangue de suas vítimas, que se deleitava em promover a dor a partir de torturas que ocasionaram a morte de suas servas, que praticava bruxaria, ou simplesmente na imagem de uma vampira, como os filmes, séries, livros e até jogos gostam de retratá-la. Diversos exemplos do conceito de personagem feminina vinculada à prática de bruxaria e que toma banho de sangue podem ser citados na cultura popular; entre eles, temos a personagem Mrs. Abernathy (Imagem 1), na série *Outlander*. A presença recorrente de cenas semelhantes a esta demonstra ser grande a influência que a personagem de Báthory exerce até hoje.

Imagem 1 – Mrs. Abernathy banha-se em sangue



Fonte: Cópia Digital de *Outlander*, 3ª Temporada

Mas quem é essa figura tão emblemática que uma hora é uma vampira e em outra é uma bruxa? Ela é uma coisa ou outra? Ou ambas? Ou nenhuma? Afinal, quem realmente era Erzsébet Báthory?

Essa imagem popular que criamos para a figura histórica de Erzsébet é um meio desenvolvido de não a esquecer. É isso que nos instiga a querer saber mais sobre a condessa húngara dos famosos banhos de sangue. Alguns exemplos de como o mito da Condessa Sangrenta aparece na cultura popular são obras como *Lady Killers*, de Tori Telfer (2019) e *A Condessa Sangrenta*, de Alejandra Pizarnik (2011). Se não fossem as lendas a seu respeito,

talvez nunca saberíamos quem ela foi. Sua história seria apagada, assim como a de tantas outras mulheres. A relação entre a construção da imagem mítica e o não esquecimento em casos como o de Báthory é discutida por Reyes Ferrer (2014):

Consequentemente, as poucas mulheres que conseguem escapar do esquecimento, em muitas ocasiões, são representadas a partir de ações e comportamentos que não correspondem à realidade, encaixando-se mais adequadamente ao território da lenda, da literatura, do monstro (p. 9, tradução nossa).²

Quando se fala na ‘Condessa Sangrenta’, poucas pessoas sabem que ela era casada com um herói de guerra, talvez por ele não ser tão relevante para suas lendas, já que ela por si só adquiriu muito mais notoriedade do que seu marido. Não se pode descartar, porém, seu papel na vida de Báthory, que era de extrema importância, sabendo-se que foi ele quem a ensinou os primeiros métodos de tortura.

Na obra *Infamous Lady: The True Story of Countess Erzsébet Báthory* (CRAFT, 2009), a autora nos apresenta como começaram os ensinamentos de tortura, desde seus primórdios:

Um presente em particular que Ferenc teria supostamente trazido para sua esposa era um aparelho que se assemelhava a uma mão de garras afiadas que podiam ser encaixadas nos dedos para cortar, rasgar e furar a vítima. [...] Relatou-se que, uma vez, ele cobrira a irmã mais nova de Ilona JÓ, a aia, com mel e a fez ficar no sol de verão para que, assim, fosse atacada por nuvens de insetos. Quando jovens empregadas desmaiavam ou eram vistas como preguiçosas, Ferenc ensinara Erzsébet a colocar pedaços de papel com óleo entre os dedos dos pés delas e, então, colocá-los em chamas (p. 64, tradução nossa).³

O que se conta é que Erzsébet testemunhou servos sendo açoitados, muitas execuções e muitas guerras enquanto criança, quando ainda vivia nas terras de seus pais. Nessa época, era comum que os servos e criados fossem vistos como posse dos nobres, sendo meros objetos, e não humanos dignos de respeito. Esse contato mais próximo e direto com guerras e

² Original: “En consecuencia, las pocas mujeres que logran escapar al olvido, en muchas ocasiones, se representan con hechos y comportamientos que no corresponden a la realidad, entrando más bien en el territorio de la leyenda, de la literatura, del monstruo.”

³ Original: “One particular gift Ferenc allegedly brought home to his wife was a device that resembled a hand of sharp claws that could be fitted over the fingers to cut, slash, and stab a victim. [...] It was reported that he once covered the younger sister of nursemaid, Ilona JÓ, with honey and made her stand in the summer sun so as to be attacked by swarms of insects. When servant girls passed out or were thought to be lazy, Ferenc taught Erzsébet how to insert pieces of oiled paper between their toes and then light the paper on fire.”

execuções pode ter sido o que abriu portas para que ela visse esse tipo de comportamento como aceitável.

Boatos circulavam de que os Báthory eram loucos por seus pais serem primos próximos, mas até onde se tem conhecimento, a família de Erzsébet vinha de duas ramificações distintas dos antigos Báthory. O pai, George Báthory, da ramificação de Ecsed, e a mãe, Anna Báthory, da linha de Somlyó. Portanto, sua relação sanguínea, ainda que de fato existente, não era próxima. É aqui que se compreende por que Erzsébet é tão perseguida em toda a sua trajetória. Primeiramente, o lado da família de seu pai apoiava o reinado de Ferdinando I como rei da Hungria, enquanto o lado da mãe apoiava o rei eleito pela maioria dos nobres húngaros, o rei János Szapolyai. Quando casados, o rei Habsburgo reteve o castelo do lado da mãe como pagamento de dívidas, além de entrar em conflito político contra os Báthory, já que George foi persuadido a se aliar ao reino de Szapolyai.

Outra questão que se comenta é que Erzsébet sofria com ataques de raiva e crises de enxaqueca, e algumas fontes dizem que ela também sofria com ataques epiléticos.

Sabe-se que Erzsébet sofria de convulsões e acessos de raiva quando criança, entretanto; e fala-se o mesmo a respeito de seu pai. Anos depois, em cartas dela, vemos descrições tanto de dores nos olhos como na cabeça que causavam problemas a ela; é provável que se tratassem de enxaqueca e epilepsia (CRAFT, 2009, p. 13, tradução nossa).⁴

Ainda segundo a autora, a causa de tais condições é frequentemente atribuída ao fato de os pais serem primos, o que já foi discutido acima. Durante essas crises ela mordida, batia em suas criadas e as arranhava.

Devido ao desejo da família dos Báthory de querer dar uma educação igualitária aos seus filhos, Erzsébet cresceu em um lar em que ela poderia aprender tanto ‘coisas de menina, como de menino’, algo que fora das paredes de Ecsed seria impensável, já que as mulheres da época eram educadas para saberem lidar com nobres e estarem sempre bem apresentáveis para encontros com eles; e, além disso, para que fossem capazes de manter um castelo funcionando perfeitamente:

Erzsébet recebera uma educação de excelência na casa de seus pais, e sua família, por mais excêntrica que eles possam ter sido, acreditava – de forma um tanto à frente de seu tempo – ser aceitável que uma garota recebesse tanta educação quanto um garoto. [...] Ela era versada em clássicos, matemática, e sabia ler e escrever em húngaro, grego, latim, alemão e, até

⁴ Original: “It is known that Erzsébet suffered seizures and fits of rage as a child, however, and it is said that her father did, as well. In later years, her letters described both eye and head pain that caused her problems; likely, migraines and epilepsy.”

mesmo, eslovaco, o idioma falado por muitos de seus empregados (CRAFT, 2009, p. 14, tradução nossa).⁵

Apesar de sua educação ser pautada na igualdade e de ter a liberdade de poder fazer coisas que nenhuma mulher poderia fazer naquela época, fora dos portões da família Báthory ela não poderia agir da mesma maneira; deveria se portar como uma dama, sem questionar nada e muito menos impor suas ideias. Erzsébet também gostava de se arrumar para eventos públicos, com vestidos e joias; tinha, também, aulas de etiqueta, para aprender a se portar à mesa e em outras situações às quais pessoas de sua classe eram submetidas. Além disso, dizem que ela gostava de se cuidar tanto que, ao longo de sua vida, frequentava spas, para massagens e banhos relaxantes. Nos dias atuais, ela não seria vista de forma estranha; entretanto, no século XVI, sim.

A jovem Erzsébet era o que hoje chamaríamos de “tomboy”: exigia ser tratada da mesma forma que seus parentes homens e empregados. Ela gostava de se vestir como um menino, de estudar como um menino e de brincar com coisas de menino, o que incluía esgrima e equitação. Além disso, chegava a ter ataques histéricos quando contrariada. Entretanto, ela era extremamente estudiosa e madura, e não há dúvidas de que era brilhante. Considerando sua notória educação e tendo ela casado-se cedo, assim ingressando em uma das mais proeminentes famílias da Hungria, é provável que chamasse a atenção desde ainda criança. Tratava-se, também, de uma perfeccionista, que, da mesma forma, gostava de se vestir como uma jovem garota, ornando-se com joias, brincando com animais e envolvendo-se em discussões filosóficas (CRAFT, 2009, p. 15, tradução nossa).⁶

Aos 14 anos, Erzsébet se casou com Ferenc Nadasdy, um jovem de 19 anos que, assim como Erzsébet, era filho de uma família de nobres europeus muito influentes e importantes. Como presente de casamento, Ferenc deu a ela o Castelo de Csejthe, este que seria sua prisão nos seus últimos anos de vida.

⁵ Original: “[...] Erzsébet received an outstanding education at her parents’ home and that her family, as eccentric as they might have been, believed (rather progressively for the time) that it was permissible for a girl to be as well educated as a boy. [...] she was trained in the classics, mathematics, and could read and write in Hungarian, Greek, Latin, German and even Slovak, the language of many of her servants.”

⁶ Original: “Young Erzsébet was what we would today call a ‘tomboy’: she demanded to be treated as well as her male relatives and staff. She enjoyed dressing up like a boy, studying like a boy and playing boy’s games, including fencing and horsemanship. She would also throw hysterical fits when she did not get her way. She was extremely studious and mature, however, and there is no question that she was brilliant. Given her magnificent education and early marriage into one of the most prominent families in Hungary, she likely turned heads even as a child. She was also a perfectionist who equally enjoyed dressing up like a young lady, adorning herself with jewelry, playing with animals, and engaging in philosophical discussions.”

Vendo o poder de seu marido e também querendo se impor na sociedade, Erzsébet abre suas portas para receber jovens garotas, a fim de abrigar novas criadas para cuidar de seus castelos, já que, enquanto seu marido estava lutando nas guerras, ela deveria tomar conta dos afazeres domésticos. Não só com afazeres a recém-condessa deveria se preocupar, mas em seguir as regras de etiqueta e em ser uma boa nobre e esposa, estar sempre bem-vestida, saber se portar com vassalos e criadagem. Com apenas 14 anos, casada, longe dos pais, sem nenhum apoio familiar, Erzsébet precisou se forçar a aprender a ser uma condessa, a ser esposa e a ordenar pessoas mais velhas que ela, para que tudo fosse feito de modo a deixar o Castelo de Sárvár impecável para o retorno de seu marido.

Isso demonstra que Erzsébet não queria ser vista somente como a esposa de Ferenc Nadasdy, mas queria ter o mesmo tipo de tratamento que os homens da época, da mesma maneira que foi educada em seu lar em Ecsed. E talvez por esse motivo ela tenha chamado tanto a atenção em sua época. Porque ela era mulher, queria ter os mesmos direitos que os homens tinham, queria ser respeitada por quem ela era, pelo nome que ela carregava. Queria mostrar ao mundo sua força, seu poder entre os súditos do rei e seus vassalos. Queria o respeito deles, ser lembrada como ela mesma.

Ferenc Nadasdy, marido de Erzsébet, participou dos combates contra os turcos em nome do rei Rudolf da Casa dos Habsburgos, sempre trazendo para casa muito ouro e outras peças de valor como recompensa das guerras. O porão de seu castelo em Sárvár, na Hungria, estava cheio disso. Era herói de guerra, súdito do rei Habsburgo e ainda ganhou uma homenagem pelas atrocidades que fez com seus inimigos: “Garantindo que se rendessem quase imediatamente, ele reuniu as tropas rebeldes e ordenou que fossem ‘enforcados com desumana crueldade’ para fazê-los de exemplo. (Por isso, foi condecorado em Viena.)” (CRAFT, 2009, p. 64).⁷

No seu retorno ao lar, cuidado com todo esmero por Erzsébet, Ferenc trazia consigo seus companheiros de guerra para noites regadas a álcool e boas refeições. Era esperado que a sua esposa deixasse tudo pronto e organizado para a sua volta, que fossem postos à mesa os melhores pratos, as melhores refeições e as melhores bebidas. E mesmo depois da comemoração por cada disputa ganha, ainda assim, Ferenc poderia achar algo que desse a ele motivos para destratar seus servos e sua esposa.

⁷ Original: “Securing a nearly immediate surrender, he then rounded up the rebel troops and ordered that they be ‘hanged with inhuman cruelty’ to make an example of them. (For this he received special honors in Vienna.)”

Acredita-se que as torturas começaram a acontecer porque Erzsébet era torturada por seu marido, já que era comum que os homens abusassem das esposas para mostrar poder sobre elas. As mulheres eram tratadas nessa época como objetos, feitas somente para cuidar da casa e gerar herdeiros. Como Mulvey apontaria séculos mais tarde,

[a] mulher, então, situa-se na cultura patriarcal como um significante para o outro masculino, atrelada a uma ordem simbólica em que o homem pode viver suas fantasias e obsessões através do comando linguístico ao impô-las à imagem silenciosa da mulher ainda presa ao seu lugar de portadora, e não criadora, de significado (MULVEY, 1975, p.15, tradução nossa).⁸

Dado que a mulher é colocada nesse lugar de ser mãe e esposa, seria de se imaginar que Erzsébet e Ferenc teriam tido muitos filhos logo após o matrimônio, mas não foi isso que ocorreu. Seu primeiro bebê nasceu dez anos após se casarem, o que levanta muitas especulações a respeito do casamento. O primeiro ponto é que eles se casaram por questões políticas e de poder, não por amor; o segundo é que, quando se casaram, Erzsébet era uma criança em relação a seu marido; e o terceiro ponto é que era fisicamente difícil que Erzsébet engravidasse, já que Ferenc vivia longe lutando em guerras.

Craft apresenta a possibilidade de Erzsébet sofrer com infertilidade, algo que era comum entre os nobres, já que poderia haver problemas genéticos por conta de práticas de endogamia.

Sabemos que, nessa época, Erzsébet procurou o auxílio da Condessa Eva Poppel Lobkovitz, esposa do amigo de família Ferenc Batthyányi. A Condessa Eva era conhecida por ser uma excelente herbalista e pela prática de medicina popular. Em geral, a Condessa Báthory preferia tratamentos com ervas e spa ao longo de sua vida do que tratamentos médicos tradicionais da época (CRAFT, 2009, p. 49, tradução nossa).⁹

Tiveram cinco filhos: três meninas, Anna, Orsolya (Orsika) e Katalin (Kata); e dois meninos, András e Pál. Infelizmente duas das cinco crianças morreram antes de chegarem na puberdade, por doenças que possivelmente seriam tratáveis pela medicina atual.

⁸ Original: "Woman then stands in patriarchal culture as a signifier for the male other, bound by a symbolic order in which man can live out his fantasies and obsessions through linguistic command by imposing them on the silent image of woman still tied to her place as bearer, not maker, of meaning."

⁹ Original: "We know that during this time, Erzsébet sought out the assistance of Countess Eva Poppel Lobkovitz, wife of family friend, Ferenc Batthyányi. Countess Eva was reputed to be an excellent herbalist and practitioner of folk medicine. In general, Countess Báthory preferred herbal and spa treatments throughout her life than the traditional medical treatments of the day."

De acordo com seu testamento, em 1610, a Condessa Báthory nomearia apenas três filhos restantes, aos quais deixou toda a sua propriedade: as filhas Anna e Kata, e Pál, o filho. Sendo o último herdeiro homem, a propriedade principal em Sárvar eventualmente seria de Pál (CRAFT, 2009, p. 51, tradução nossa).¹⁰

Por conta do tratamento de seu marido, que hoje é visto como machista, era que Erzsébet abusava de suas criadas e servas. No início, ela desferia tapas nas criadas que a desobedecessem. Quando acamada, por conta de suas dores de cabeça e indisposição, além dos tapas, ela mordida e arranhava as jovens garotas que trabalhavam no castelo.

Nas centenas de depoimentos dos que testemunharam, concordava-se que homens não eram os alvos dos ataques da condessa e que, na maior parte das vezes, nem mulheres adultas eram visadas. Tratavam-se sempre de meninas adolescentes e ainda não casadas (CRAFT, 2009, p. 66, tradução nossa).¹¹

Foi a partir das mordidas que se criou essa figura vampiresca a seu respeito, e que se vê seguidamente em obras ficcionais, como em filmes, séries, jogos e livros; por exemplo, na série *American Horror Story*, na temporada intitulada *Hotel*, a atriz e cantora Lady Gaga interpreta uma personagem chamada “Condessa Elizabeth” (Imagem 2), que morde, assassina e se encharca com o sangue de suas vítimas. Como dito anteriormente, essas torturas foram influenciadas pelo seu marido e também por uma de suas servas, que gostava da ideia de torturar e machucar aqueles que desobedeciam a suas ordens de subordinada da Lady. “Ela eventualmente aprendeu a torturar de forma severa com seu marido e Anna Darvolya” (CRAFT, 2009, p. 66, tradução nossa).¹²

¹⁰ Original: “By the date of her Will in 1610, Countess Báthory would identify only three surviving children, to whom she left her entire estate: daughters Anna and Kata, and son, Pál. As the only surviving male heir, the primary estate at Sárvár would ultimately go to Pál.”

¹¹ Original: “The hundred of witnesses who testified agreed that men were not targets of the Countess’ attacks and, for the most part, mature women generally were not, either. It was always an unmarried, adolescent girl.”

¹² Original: “She eventually learned how to torture in a serious way from her husband and Anna Darvolya.”

Imagem 2 – Lady Gaga como Condessa Elizabeth

Fonte: Cópia Digital de American Horror Story: Hotel

Anna Darvolya, uma mulher croata, foi quem ensinara tanto a Erzsébet quanto a outras criadas as práticas de tortura que elas utilizavam: “Ela era descrita por pessoas locais como uma ‘fera selvagem em forma de mulher’ que ensinara a Erzsébet e às outras servas métodos elaborados – e mortais – de tortura” (CRAFT, 2009, p. 62, tradução nossa).¹³ Mas o que se questiona é de onde vem essa ‘necessidade’ de punir tudo e todas. Pode-se pensar que essas torturas talvez fossem uma válvula de escape que Erzsébet desenvolvera por conta de sua inferioridade no meio em que vivia, já que ela não tinha direito de contar sua própria história, diferente de seu marido, que tinha a liberdade de poder ser um conde e ao mesmo tempo herói de uma nação; já ela, condessa e esposa dele, não tinha tanta relevância dentro da corte húngara.

Por um tempo, ainda quando habitava o castelo de Sárvár e era uma jovem esposa, Erzsébet recebia em seu castelo garotas pobres, a fim de lhes proporcionar uma oportunidade de melhores condições de vida e de trabalho. Essas garotas eram contratadas para auxiliarem nos afazeres domésticos, como limpar, costurar e cozinhar. Porém, com o tempo, elas acabavam sofrendo vários tipos de abuso e eram torturadas quando não seguiam as regras estipuladas pela condessa. Se uma costura não estivesse correta ou se um serviço fosse mal-feito, a condessa colocaria agulhas entre a carne e as unhas das suas mãos, para que elas não repetissem o mesmo erro. Se houvesse muita conversa durante o trabalho, as agulhas serviriam para costurar suas bocas. Essa prática de tortura foi escalonando em um patamar cada vez mais intenso e invasivo.

¹³ Original: “She was described by locals as a ‘wild beast in female form’ who taught Erzsébet and the other servants elaborate – and deadly – methods of torture.”

[...] quando uma garota era denunciada por ter roubado alguma peça de ouro, a Condessa fazia com que a peça fosse aquecida até ficar vermelha em brasa e a pressionava contra a mão da jovem. A Condessa fincava alfinetes e agulhas nos lábios e sob as unhas das garotas. (CRAFT, 2009, p. 103, tradução nossa).¹⁴

Algumas jovens moças começaram a adoecer e a morrer subitamente, sendo enterradas no cemitério local. O pastor do castelo, István Magyari, estranhou a quantidade de mortes e os caixões fechados. Para a surpresa de alguns, a condessa deu a entender que as jovens e alguns membros do grupo de serviçais haviam morrido de cólera:

A resposta normal era que estas pobres almas haviam sucumbido à cólera – algo comum na época –, e seus enterros apressados, com caixões fechados, ocorria de forma a não criar pânico entre os empregados ou moradores (CRAFT, 2009, p. 59, tradução nossa).¹⁵

Tal doença é comum quando não existe saneamento e muito menos preocupação com higiene, e por isso os caixões deveriam ser lacrados.

Muitos ritos funerários foram feitos, mas depois de rumores a respeito da quantidade de mortes aumentarem, e de acreditar-se que os servos poderiam estar morrendo por tortura e outras más condutas, o pastor Magyari, por achar a situação muito esquisita, resolveu indagar a Erzsébet – que se encontrava, no momento, sozinha – em plena igreja, na frente de outros súditos, vassalos e moradores dos arredores do castelo, a respeito das mortes e caixões selados. O que chegara aos ouvidos de Magyari foi que um dos cavaleiros que trabalhava para a condessa, Paul Böed, vice-castelão no castelo de Sárvár, havia dito ter visto corpos de garotas serem enterrados sem que fossem feitos os ritos funerários necessários. Porém, o que ele diz em seguida é que não testemunhara nenhuma morte, mas que ficara sabendo, por um dos membros que trabalhava no castelo, que as garotas estavam morrendo por conta das excessivas torturas.

O pastor Magyari abriu um de seus cultos culpando a Condessa Erzsébet pelas mortes das garotas a partir de rumores aos quais havia tido acesso. Ele diz:

É dito de nós, vosso pastor — começou Magyari —, que cientes estamos dos protestos de outros —, e virou-se para encarar a Lady diretamente —, mas que Vossa Graça não é repreendida. Portanto, não posso mais esconder. Deve-se ainda mais salientar que, a respeito da garota, Vossa Graça não

¹⁴ Original: “[...] when a girl was reported as having stolen a gold piece, the Countess had the piece heated until red hot and then had it pressed into the girl’s hand. The Countess would stick pins and needles into the girls’ lips or under their fingernails.”

¹⁵ Original: “The ordinary answer was that these poor souls had succumbed to cholera-quite common at the time- and that their hasty burial, with closed coffin, was performed so as not to create a panic amongst the staff or townspeople.”

deveria ter de tal forma agido, pois tratar-se-ia de uma ofensa ao Senhor, e — sua voz ficava mais alta agora — seremos todos punidos se a Vossa Graça não protestarmos e criticarmos. [...] Para que confirmado seja que minhas palavras são verdadeiras, [...] é necessário apenas que exumemos o corpo. [...] Mas para maiores evidências do que digo, desenterremos o corpo, e então veremos o que fizestes! (CRAFT, 2009, p. 60, tradução nossa).¹⁶

Nesse dia, somente a condessa estava presente na igreja, pois seu marido estava em Viena. O pastor não só vociferou rumores, como decidiu em frente ao povo que estava presente que Erzsébet Báthory era culpada pela morte de uma garota. Ferenc Nadasdy, sabendo do ocorrido, para tentar silenciar os rumores a respeito de sua reputação e de sua mulher, além do risco de serem excomungados, fez uma doação substancial para a Igreja Luterana, a qual pertenciam, bem como para fundos de bolsas de estudo para os estudantes da Universidade de Wittenberg, à qual continuou doando mesmo após a sua morte.

A culpa recai sobre a condessa, mesmo sabendo-se que Ferenc também tinha o hábito de torturar seus criados quando insubordinados. Como dito anteriormente, era comum que nobres aristocratas açoitassem, punissem e torturassem seus criados. Havia uma legislação que assegurava que aqueles que vivessem e trabalhassem nas terras poderiam ser tratados como propriedade pelos respectivos latifundiários.

[...] os camponeses que viviam e trabalhavam em terras que pertencessem a nobres, a famílias como os Báthorys e os Nádasdys, eram considerados propriedade por conta do Ato de 1517. A morte de garotas serventes, seja por tortura ou outro motivo, poderia chamar a atenção ou desencadear ira no púlpito, mas não traria danos significativos ao “Cavaleiro Negro da Hungria” – o homem que mantivera o continente a salvo de legiões de turcos invasores. Legalmente, a autoridade de justiça sequer levaria adiante qualquer ação contra um nobre que partisse de alguém nascido em classe baixa; a própria “parte interessada” que teria de dar seguimento em sua ação contra o nobre – algo altamente improvável considerando-se os riscos óbvios (CRAFT, 2009, p. 67, tradução nossa).¹⁷

¹⁶ Original: “It is said about us as a preacher,” Magyari began, “that we know other people complain,”-- he turned to face the Lady directly-- “but that Your Grace is not reproached. Therefore, I cannot conceal it. It must be even more so announced that, regarding the girl, Your Grace should not have so acted because it offends the Lord, and” his voice began to rize now, “we will be punished if we do not complain to and criticize Your Grace.” [...] “In order to confirm that my words are true,[...] we need only exhume the body. [...] “But for better proof of what I say, let us dig up the body, and then we will see what you have done!”

¹⁷ Original: “[...] the peasants who lived and worked on lands owned by nobility like the Báthorys or Nádasdys were considered property under the Act of 1517. The death of serving girls, by torture or otherwise, might raise an eye or the ire of the pulpit, but would cause no significant harm for the “Black Knight of Hungary” – the man who kept the continent safe from legions of invading Turks. Legally, the state prosecutor would not even bring an action against a noble on behalf of a low born person; the “interested party” had to bring his own actions against the noble – highly unlikely given the obvious risks.”

Logo, as punições que tanto Erzsébet quanto Ferenc davam aos seus empregados eram vistas como normais e corriqueiras dentro das terras dos nobres, não podendo, assim, nem a Igreja e nem a Coroa interferirem.

No entanto, na corte de Erzsébet, a situação estava sendo tratada de forma diferente, já que essa lei os protegia contra as supostas acusações. Isso faz com que entendamos que pode ter havido manipulação a favor do rei Mathias II, para ter em mãos as terras da Lady Nadasdy, já que se sabe que ele devia dinheiro à família dela e não queria pagar suas dívidas.

Não havia, na verdade, quaisquer implicações legais para o que Erzsébet e seu marido faziam ou permitiam que ocorresse às suas empregadas. Neste ponto, Ferenc Nádasdy tornara-se distinguido em batalha, ganhando o título de Grande Mestre de Estábulo, e fazia empréstimos de enormes quantias de dinheiro à Coroa Húngara. Quando faleceu, a Coroa já lhe devia quase 18.000 gulden, um valor que nem mesmo o Rei Mathias II (1557-1619) poderia se dar ao luxo de devolver (CRAFT, 2009, p. 67, tradução nossa).¹⁸

Em 1601, o Conde Nádasdy adoece e precisa se afastar por um curto período de suas funções. Em 1602, segundo Craft (2009), “ele uniu forças ao Conde György Thurzó para liderar uma nova campanha contra os turcos e apoiar guarnições húngaras em povoados ao longo do Rio Danúbio” (p. 69).¹⁹ Antes de morrer, e sabendo do risco que sua esposa corria, Ferenc Nádasdy deixou-a aos cuidados de seus dois aliados e amigos mais próximos, Ferenc Batthyányi e György Thurzó. Ao primeiro, pediu que protegesse sua esposa e filhos por conta dos constantes ataques dos turcos, e ao segundo, que também os protegesse, mas em relação às suas posses. “[...] era quase certo que ela se tornaria alvo de ataques que visassem sua enorme fortuna – algo de atitudes predatórias vindas de nobres, de empregados desleais, da Coroa, da Igreja, ou de turcos-otomanos” (CRAFT, 2009, p. 70, tradução nossa).²⁰

Ferenc Nádasdy faleceu em 1604, recebendo um velório pomposo, com tudo o que um herói de guerra merecia, no estilo militar. O mesmo pastor que julgara Erzsébet culpada por matar uma jovem moça em pleno culto é quem faz os ritos finais e funerários de seu marido, fazendo questão de dizer que ele iria para os céus, apesar de reclamações de outros

¹⁸ Original: “[...] there were no real legal implications for what Erzsébet and her husband were doing or permitting to happen to their servant girls. By this point, Ferenc Nádasdy had distinguished himself in battle, rising to the title of High Stable Master, and was lending enormous sums of money to the Hungarian Crown. At his death, the Crown owed him nearly 18,000 gulden, an amount which even King Mathias II (1557-1619) could not afford to repay.”

¹⁹Original: “he joined forces with Count György Thurzó to lead a new campaign against the Turks and shore up Hungarian garrisons in towns along the Danube.”

²⁰ Original: “[...] it was nearly certain that she would become the target of attacks aimed at her massive fortune - whether from predatory nobles, disloyal staff, the Crown, the Church, or the Ottoman Turks.”

religiosos presentes que não aceitavam que um homem que fizera parte das torturas pudesse descansar aos pés de Deus.

Após a morte de Ferenc, Erzsébet decide se mudar quase que permanentemente para o Castelo de Csejthe, para se proteger dos ataques que vinham de todos os lados. Agora sem a proteção do marido, ela corria o risco de perder suas posses:

[...] os turcos ainda estavam à solta ameaçando suas propriedades, e ela não tinha mais qualquer ligação com o imperador, a Coroa e a Igreja sem ele [Ferenc]. E era ainda pior, pois aqueles que deviam a ela sabiam que, com Erzsébet fora do caminho, não seria preciso devolver as enormes quantias de dinheiro emprestadas (CRAFT, 2009, p. 83, tradução nossa).²¹

Há informações de que Erzsébet teria tentado contato com Thurzó, pedindo auxílio político e religioso sobre suas terras, já que muitos cobiçavam-nas. Quando uma de suas terras foi invadida pelas tropas do Conde Banffy, Erzsébet, que já não tinha muito apoio de Thurzó e Batthyányi, decidiu enviar diretamente ao Conde o seguinte aviso: “Então, meu bom senhor, conseguiste. Ocupaste minhas poucas posses porque és pobre, mas não creio que deixaremos que delas te aproveites em paz. Verás em mim um homem” (CRAFT, 2009, p. 85, tradução nossa).²²

Quando seu marido era vivo, situações como essas não ocorriam, já que ele era um homem muito respeitado na sua corte. Porém, com sua morte, o que mais se tem notícias são homens nobres transformando a vida de Erzsébet em um inferno. A Coroa húngara não tinha dinheiro para pagar suas dívidas, mas em 1607, quando Erzsébet pôs uma de suas propriedades à venda, o castelo em Theben, curiosamente o rei conseguiu dinheiro para comprá-lo. Com a morte de seu marido e com a escassez de dinheiro, a condessa precisou vender alguns de seus bens para manter seus castelos e sua família; requisitou várias vezes que seus devedores pagassem suas dívidas, porém sem sucesso (CRAFT, 2009, p. 85).

Além dos problemas financeiros que Erzsébet sofria por conta de seus devedores, outro problema se instaurava, desta vez em seu castelo em Sárvár:

Benedek Bicsérdy, na verdade, pode ter feito uso de seu poder e influência como castelão em Sárvár para roubar da condessa durante sua ausência prolongada. [...] em 1607, ela já vinha se tornando cada vez mais distante de funções administrativas. [...] Bicsérdy estava lidando com a papelada,

²¹ Original: “The Turks were still at large, threatening her properties, and she no longer held any strings over the Emperor, Crown, and Church without him. Worse, her debtors knew that, with Erzsébet out of the way, they would not have to repay their enormous loans.”

²² Original: “So, my good sir, you have done this thing. You have occupied my small possessions because you are poor, but I do not think that we will leave you to enjoy them in peace. You will find in me a man.”

administrando a propriedade e resolvendo disputas em nome dela [...] e assinava em nome de Erzsébet junto a Bicsérdy e de Adam Szelesthey, do júri local (CRAFT, 2009, p. 88, tradução nossa).²³

Não bastava estar viúva, os homens que deveriam obedecê-la e os que deveriam protegê-la estavam se voltando contra a condessa, “cujo principal problema foi a carência de uma figura masculina que sustentasse seu poder” (REYES FERRER, 2014, p. 2, tradução nossa),²⁴ uma vez que, naquela época, sozinha, ela não teria poder algum perante a sociedade.

O que piorou ainda mais sua situação foi ter se isolado em Csejthe, que fica situado nos Cárpatos, hoje parte do território da Eslováquia, mas que pertencia à Hungria no século XVI e XVII. Diferentemente da região de Sárvar, a corte de Báthory ali era consideravelmente menor, mas, ainda assim, muito próspera nas áreas de agricultura e pecuária. Sua ida promoveu a contratação de filhas das famílias locais para trabalhar como costureiras, empregadas ou assistentes no castelo, o que, para eles, era uma honra. Porém, assim que Erzsébet se instalou em sua nova moradia permanente, não só começaram novos rumores de torturas e mortes, como também de bruxaria.

Como comentado na introdução, Erzsébet sempre foi fascinada pelo oculto, pois “com frequência buscava os serviços de camponesas locais treinadas em medicina popular e magia negra” (CRAFT, 2009, p. 100, tradução nossa).²⁵ Essas mulheres eram conhecidas como ‘bruxas da floresta’, que, segundo Craft, eram herbalistas que:

podiam oferecer remédios efetivos em uma época em que a prática de medicina, com barbeiros-cirurgiões, resumia-se a medicina em campo de batalha, uso de sanguessugas, amputações e extrações com instrumentos de ferro. Outras bruxas da floresta ou alquimistas de povoados, entretanto, tinham acesso a medicamentos, venenos, feitiços, encantamentos, oráculos e dispositivos de adivinhação que fascinavam a Condessa (2009, p. 100, tradução nossa).²⁶

²³ Original: “Benedek Bicsérdy, in fact, may have been using his power and influence as Castellan at Sárvár to steal from the Countess during her prolonged absence. [...] by 1607, she was becoming increasingly removed from administrative function. [...] Bicsérdy was preparing paperwork, managing the estate, and settling disputes in her name [...] and signed on Erzsébet’s behalf by Bicsérdy and local juror, Adam Szelesthey.”

²⁴ Original: “[...] cuyo principal problema fue la carencia de una figura masculina que sustentara su poder.”

²⁵ Original: “often seeking out the services of local peasant women trained in folk medicine and the black arts.”

²⁶ Original: “could offer effective, healing medications in a time when doctoring, or barbering, consisted only of battlefield medicine, leeching, amputations, and extractions with iron tools. Other forest witches or town alchemists, however, provided drugs, poisons, magical spells, incantations, oracles and divining devices that fascinated the Countess.”

As mulheres que tinham conhecimento de plantas e ervas para fins medicinais sempre foram chamadas de bruxas, um meio de diminuí-las como ser humano, já que era ‘impossível’ que as mulheres pudessem ser inteligentes; apenas uma força maior seria capaz de fazer com que fossem astutas nas artes herbalistas e soubessem curar doenças a partir do uso de plantas. Para as chamadas bruxas da floresta, então, seria fácil distinguir uma planta cuja ingestão faria bem de uma que poderia causar algum mal, como envenenamento ou até a morte. Não é nenhuma força inumana ou achismo, mas sim aprendizado empírico e pragmático em forma de conhecimento passado adiante de forma popular.

Diz-se que um dos servos da condessa foi buscar no apotecário local um frasco de antimônio, um tipo de remédio que hoje em dia é somente utilizado na indústria química para retardar chamas, criar explosivos, pigmentos e vidro. “Em pequenas doses, o antimônio era usado como cosmético, sendo, também, utilizado como medicamento em medicina popular; em altas doses, entretanto, era venenoso” (CRAFT, 2009, p. 100, tradução nossa).²⁷ Segundo o apotecário, Doutor Martinus, o medicamento não poderia ser entregue, já que seu pedido era muito grande. Com muita persuasão, o servo János Zluha conseguiu que o medicamento fosse entregue (não se sabe em qual quantidade), mas Martinus teria alertado: “Diga à sua senhora que alguém com uma droga dessas seria capaz de matar uma centena de pessoas se assim quisesse!” (CRAFT, 2009, p. 101, tradução nossa).²⁸

Um outro servo, István Vagy, confirmou que a condessa “possuía um bolo de cor cinza, [enrolado] como um pretzel, pelo qual era obcecada” (CRAFT, 2009, p. 101, tradução nossa)²⁹ e que dentro dele ela inseriu uma hóstia, para então recitar uma prece que poderia protegê-la: “Aqui mostrai-me (o nome contra quem pregava), para que não podeis ver a mim, para que não podeis a mim causar mal algum” (CRAFT, 2009, p. 101, tradução nossa).³⁰

Com a compra do antimônio e a feitura desse ‘bolo’ cinzento, Craft dá a entender que o tal bolo era feito da substância medicamentosa para fins religiosos e protetivos, já que ela não conseguia acessar as únicas pessoas que poderiam dar-lhe qualquer apoio. Antigamente acreditava-se que, como o apotecário disse, essa substância, se ingerida, poderia matar; porém, o que se tem conhecimento hoje em dia é que pode trazer efeitos diversos: se ingerida,

²⁷ Original: “In small doses, antimony was used to make cosmetics and also valued as a medicinal folk remedy; in large doses, however, it was poisonous.”

²⁸ Original: “Tell your mistress, that one in possession of such a drug could kill a hundred people if he wanted to!”

²⁹ Original: “possessed a cake of gray color, [braided] like a pretzel, which she was obsessed with.”

³⁰ Original: “Herein show me (the name against whom she prayed), so that I cannot be seen by you, so that you cannot cause any harm against me.”

dores de estômago e diarreia; se inalada, problemas respiratórios graves, que podem causar a morte; e, se em contato com a pele, pode causar uma leve urticária. Dependendo de quanto tempo em contato com a substância, pode causar dores de cabeça, tonturas, problemas nos pulmões, fígado e até no coração.

Já que se sabe que naquela época a saúde e a higiene eram precárias, seria muito provável que somente a ingestão em grandes proporções pudesse matar. Porém, não se tem informações a respeito da condessa usar esse medicamento para envenenar ou matar alguém. Como essa substância também era utilizada para a confecção de cosméticos, por ser macio e de fácil transferência de pigmentação, é possível que a condessa quisesse utilizá-lo para se maquiar, assim como os egípcios faziam, com o mesmo tipo de pigmento, assim como outras pedras que eram utilizadas na confecção de sombras, a exemplo, o lápis-lazuli.

Em 1609, a condessa abriu as portas de seu castelo para jovens nobres, sendo uma espécie de academia de etiqueta, em que deu o nome de *Gynaecium* (em latim e grego: residência de mulheres), o que “[...] trouxe a ela um dinheiro que muito necessitava, [...] além de servir como um fornecimento fresco de jovens mulheres” (CRAFT, 2009, p. 107, tradução nossa).³¹ Como Erzsébet era bem-vista na sociedade aristocrata, que ainda não tinha conhecimento sobre os rumores, muitas jovens garotas foram entregues aos cuidados da condessa. Mas não demorou muito para que as famílias estranhassem alguns comportamentos suspeitos, como não serem permitidas a ver suas filhas. Alguns dos relatos trazidos nos autos do julgamento apresentam jovens machucadas e torturadas, mas em nenhum momento se explica por que nenhum desses familiares retirou-as do Gineceu:

O nobre János Belanczky ficou preocupado por não receber notícias de sua irmã que havia sido admitida recentemente ao Gineceu da Lady. Acompanhado de seu amigo, Martin Chanady, os dois homens acabaram indo até a corte de Erzsébet Báthory em Beckov para exigir o retorno da jovem. A condessa recusou-se. Belanczky, então, ordenou que ele pudesse, ao menos, ver sua irmã. [...] A jovem foi finalmente trazida mas, de acordo com Martin Chanady, ‘ela estava gravemente enfraquecida em decorrências das grandes dores de tortura e tormento, de forma que mal conseguia erguer as mãos, em meio a choros e gemidos’ (CRAFT, 2009, p. 108, tradução nossa).³²

³¹ Original: “[...] brought in much-needed funding, [...] also provided a fresh supply of young maidens.”

³² Original: “Nobleman János Belanczky became concerned when he received no word from his sister who had recently been admitted to the Lady’s *Gynaecium*. Accompanied by his friend, Martin Chanady, the two men finally went to Erzsébet Báthory’s court at Beckov to demand the girl’s return. The Countess refused. Belanczky then demanded he at least be allowed to see his sister. [...] The girl was finally brought out but, according to Martin Chanady, “she was severely weakened

Assim como Chanady, Zelesthey testemunha contra a condessa, descrevendo uma cena muito grotesca, que assustaria qualquer um que ouvisse. Não se sabe se essa testemunha dizia a verdade, mas se a nobre mulher tivesse alguma influência na corte, suas palavras seriam aceitas, como foi o que ocorreu.

A nobre Anna Zelesthey também testemunhou, dizendo que sua filha, Zsuzska, estivera na corte, onde sofreu espancamentos e torturas tão severos que a carne literalmente se descolou de seus ossos antes que ela morresse. A forma como ela ficara sabendo disso não é discutida em seu depoimento, e nem se ela chegou a tentar ou não algum tipo de resgate (CRAFT, 2009, p. 108, tradução nossa).³³

Como Craft comenta, é curioso que em momento algum se tenha questionado o motivo pelo qual as garotas teriam permanecido no castelo, sem resgate, se elas aparentavam estar sendo torturadas. Poderíamos considerar o possível medo de se indispor com a condessa, que era esposa do herói de guerra, Ferenc Nadasdy, e assim também enfurecer o rei, como uma possível explicação. Outra possibilidade seria questionar a veracidade de tais depoimentos; talvez simplesmente não fossem verdadeiros.

É complicado buscar uma resposta concreta para questionamentos como esses. Entretanto, já é um fato conhecido de que muito do que ocorreu com a Condessa Báthory é mais um jogo político do que uma real punição por supostos atos de tortura e morte. Apresentarei dados a respeito mais à frente.

Voltando às questões do castelo, o pastor novo, Reverendo Ponikenusz, não pareceu muito contente com as atitudes da condessa, escrevendo para seu superior que ela estava utilizando as artes das trevas, especialmente quando ela solicita auxílio de duas mulheres: a bruxa da floresta, Erzsí Majorova; e a “mulher má”³⁴ chamada Torkoss, a qual diziam residir para além de Sárvár. Essa, havia dado o conselho:

Encontre um gato (ou galinha) de cor preta, mate-o com uma vara branca, guarde o sangue e espalhe-o em seus inimigos. Se não em seus corpos, ao

because of the great pain from torture and torment, so much that she could hardly hold out her hands, bitterly whining and crying.”

³³ Original: “Noblewoman Anna Zelesthey also testified that her daughter, Zsuzska, had been given to the court where she had been so badly beaten and tortured that the flesh literally fell from her bones before she died. How she knew this is not discussed in her deposition, nor whether she did anything or not to attempt a rescue.”

³⁴ Original: “wicked woman”.

menos em suas roupas – e não tão manchados de sangue que seus inimigos possam ferir mais você” (CRAFT, 2009, p. 102, tradução nossa).³⁵

Não se sabe se a condessa seguiu o tal conselho da senhora Torkoss, ou se ele realmente foi dado a ela, já que quem conta isso é o pastor de Csejthe, que não gostava das movimentações que ocorriam no castelo e muito menos que a Condessa se consultasse com as ditas bruxas. Esse mesmo pastor se recusa a fazer os ritos funerários necessários para que fossem enterrados no cemitério local algumas garotas que faleceram enquanto estavam sob cuidados da Lady. Diz-se que os criados as enterravam em segredo, tanto no cemitério quanto nos jardins do castelo e também em valas. “O castelão de Csejthe, Michael Horwath, declarou saber de sete garotas que haviam morrido no Gineceu, e que teriam sido enterradas no pequeno jardim atrás do pátio em Csejthe” (CRAFT, 2009, p. 108, tradução nossa).³⁶

Essas punições relatadas nos autos vão desde os açoites mencionados acima até queimaduras feitas com ferro quente nas genitálias e em outras partes do corpo, cortes feitos com facas e até tesouras de poda. “Uma das testemunhas vira indícios de tortura, a forma como as garotas haviam sido queimadas, e escutara a Lady efetivamente introduzir ferro quente em suas vaginas” (CRAFT, 2009, p. 119, tradução nossa),³⁷ chegando a haver relatos de que as jovens eram torturadas com ferro quente e, em alguns casos, suas peles e carnes do corpo cortadas e servidas como alimento.

A informação que mais é apresentada pela autora Kimberly L. Craft é a de que as testemunhas nunca viram ou presenciaram as torturas, mas ouviram alguém falar a respeito. São testemunhas, em grande maioria homens, que nunca estiveram no castelo, que mal conheciam a condessa ou que eram vizinhos de terras, e que seguiram por uma investigação que auxiliava o rei, que já devia dinheiro para a condessa e seu marido, e que era da mesma família que criara problemas políticos com os Báthory, antes mesmo do nascimento de Erzsébet, como já discutido.

Com o aumento das mortes e dos rumores das torturas, as famílias revoltadas foram reclamar dos maus-tratos e das mortes tanto para o palatino do rei, György Thurzó, como para o rei Mathias II. Diferentemente da situação das torturas em Sárvár, em que as pessoas

³⁵ Original: “Find a black cat (or hen), kill it with a white stick, keep the blood, and smear it on your enemies. And if not their body, then at least the clothes – and not so stained with blood that your enemies can hurt you more.”

³⁶ Original: “The Castellan at Csejthe, Michael Horwath, stated that he knew of seven girls who had died at the *Gynaecaeum*, and that they had been buried in the little garden behind the courtyard at Csejthe.”

³⁷ “A witness saw traces of torture, how the girls had been burned, and how he had heard the Lady actually put a hot iron into their vaginas.”

eram de famílias pobres e que não tinham voz contra os nobres e que nada poderiam fazer, já que as leis só serviam para proteger os ricos, no castelo de Csejthe a situação era diferente. Os pais das garotas mortas eram nobres, assim como a Lady Báthory. Nesse caso, o Ato de 1517 também valia para eles, então tinham como se defender.

O rei, desesperado com a quantidade de rumores e nobres reclamando em sua corte, chama seu bravo palatino, que recentemente havia sido nomeado – o mesmo posto que um dia fora de Ferenc Nadasdy –, para que ele pudesse ir até as terras da condessa a fim de solucionar o problema ou tentar diminuí-lo. “O palatino funcionava como um governador ou primeiro-ministro, representando o rei em todos os assuntos políticos e assumindo postos tanto judiciais como militares” (CRAFT, 2009, p. 115, tradução nossa).³⁸ O que ninguém esperava – provavelmente nem a condessa – é que o pastor de Csejthe, que havia se aposentado e sido substituído pelo Reverendo Ponikenusz, o Reverendo András Barosius (Berthoni), de 90 anos, se assustou com a quantidade exacerbada de pedidos de enterros por parte da condessa. Ele foi a única pessoa que escreveu um documento para relatar às autoridades o que acontecia no castelo. Como suas perguntas sobre as mortes não eram nunca respondidas, ele começou a tomar nota de cada óbito que ocorria nas terras de Csejthe. Esse documento foi entregue ao palatino e ao rei. Erzsébet já havia tido problemas, quando morava em Sárvár, com o pastor Magyari, só que, naquela ocasião, ela tinha seu marido para ajudá-la.

Assim como o pastor Barosius, o seu substituto, o Reverendo Ponikenusz, também seguiu seus passos em documentar todos os corpos que eram enterrados em segredo. Quando ele foi para a igreja de Csejthe, sabendo de certos rumores, decidiu explorar uma série de túneis subterrâneos que ligavam a igreja e o castelo.

A condessa e seus empregados utilizavam esses túneis como depósito ao armazenar heranças, tesouros otomanos, vinhos e documentos. [...] Em meio a o que ele descreveu como ‘insuportável odor fétido’, descobrira nove caixas sem lacre nas quais jaziam os restos mortais de garotas recentemente mutiladas (CRAFT, 2009, p. 116, tradução nossa).³⁹

Essas informações também chegaram às mãos do palatino e do rei. Além delas, receberam relatos de que Erzsébet Báthory cometera “atos ferozes e inumanos” (CRAFT, 2009, p. 117, tradução nossa).⁴⁰

³⁸ Original: “The palatine functioned like a governor or prime minister, representing the king in all political matters and holding appropriate judicial as well as military rank.”

³⁹ Original: “The Countess and her staff used these tunnels for storage when they housed heirlooms, Ottoman treasures, wines, and documents.[...] Amidst what he described as ‘unbearable stench’, he discovered nine unsealed boxes that contained the remains of recently mutilated girls.”

⁴⁰ Original: “inhuman and ferocious acts”.

Depois de tantos relatos e rumores, Thurzó foi encarregado de ir ao castelo de Csejthe resolver de uma vez por todas e dar a devida atenção ao caso de torturas, sumiços e mortes de garotas. Como ele era amigo de Nádasdy e de Báthory – até considerado como ‘primo’ –, já havia estado lá em festividades e ido a casamentos das filhas de Erzsébet, então o castelo era muito conhecido por ele. Não precisou muito para que ele percebesse que algo estava errado. Ao entrarem no saguão do castelo, György Thurzó, seus dois genros, Zrínyi e Drugeth e o tutor de seu filho Pál, Imre Megyeri, e um grupo de soldados avistaram o corpo de uma jovem garota que havia morrido de tanto apanhar. Logo à frente, outras duas garotas, que haviam sido esfaqueadas e torturadas. Seguindo os gritos que vinham da parte principal do castelo, o Palatino e seu grupo de escudeiros encontraram três senhoras e um jovem homem torturando uma das garotas, com outra chorando em um canto porque seria a próxima vítima.

Ao adentrarem nos aposentos da condessa, ela questiona: “Mas que intrusão é esta? Vocês todos hão de pagar por isso!” (CRAFT, 2009, p. 2, tradução nossa),⁴¹ e ao perceber que as pessoas que estavam ali eram completas conhecidas, ela fica sem entender, até que seu ‘primo’ diz: “Lady viúva de Nadasdy, em nome do Rei, você está presa” (CRAFT, 2009, p. 2, tradução nossa).⁴² A condessa não estava entendendo por que estava sendo presa, e nem precisaria de muito para descobrir.

As investigações a respeito da condessa já estavam sendo feitas bem antes das mortes ocorridas no castelo de Csejthe. Thurzó ordenou que um tabelião-chefe e um juiz-adjunto fossem até as regiões onde havia residências da condessa para testemunharem sobre o que eles sabiam a respeito do que acontecia nas terras de Erzsébet Báthory.

Essas testemunhas deveriam falar a verdade, sob pena de terem que pagar uma vasta quantia à Coroa Húngara caso quebrassem seus juramentos. Curiosamente, muitas testemunhas eram vassalos de lordes que faziam divisa direta com as terras da condessa.

É irônico que empregados que jamais conseguiriam entrar nas terras da Condessa sem permissão estivessem, então, sendo chamados livremente a testemunhar em relação a o que sabiam a respeito dela. [...] tendo ouvido apenas rumores [...]. Com exceção de uma única testemunha [...], um funcionário municipal que dizia ter visto garotas com queimaduras graves nas mãos, não havia um depoente sequer que tivesse, realmente, visto ou ouvido algo diretamente (CRAFT, 2009, p. 121, tradução nossa).⁴³

⁴¹ Original: “What is this intrusion? You shall all pay for this!”

⁴² Original: “Lady Widow Nadasdy, in the name of the King, you are hereby under arrest.”

⁴³ Original: “It is ironic that the servants who would never have been allowed entry onto the Countess’ lands without permission were now being invited freely to testify as to what they knew about her. [...] having heard only rumors [...]. With the exception of a single witness [...] a city clerk who claimed to have seen girls with badly burned hands, not a single deponent actually saw or heard anything personally.”

A quantidade de garotas mortas nos relatos varia de pessoa para pessoa; alguns dizem ter sido 175 mortes, e outros, de 200 a 300 garotas. Os quatro torturadores presos no castelo pelo palatino relataram o seguinte:

[...] os quatro réus declaravam que o número de garotas assassinadas estaria entre 30 e 50: Ficzkó estimou 37; Ilona Jó supôs 51, talvez mais; Dorka disse serem 36; e Katalin citou que a quantidade seria de 50 (CRAFT, 2009, p. 141, tradução nossa).⁴⁴

Esses criados da condessa foram torturados para confessar o que acontecia nos castelos, já que eles viajavam sempre com a condessa e se mudaram com ela para a nova propriedade. Não se pode afirmar se suas respostas para as perguntas são verdadeiras ou se eles só falaram o que esperavam que fosse dito, já que eram de conhecimento geral os rumores sobre as torturas dentro do castelo.

A condessa tentou, sem sucesso, provar sua inocência, já que a máxima naquela época era de que todos seriam julgados culpados até que se pudesse comprovar sua inocência: “além disso, as autoridades civis amparavam-se na seguinte prática: presumia-se a culpa; a inocência precisava ser provada” (CRAFT, 2009, p. 138, tradução nossa).⁴⁵ Como Erzsébet provaria ser inocente das mortes, se sua palavra não valeria de nada, mas a de muitos homens, estes que nunca haviam estado em suas terras, eram aceitas como verdadeiras? A mãe de uma das garotas nobres que havia morado no Gineceu alegou que sua filha havia falecido de causas naturais, não de tortura, mas seu testemunho não foi aceito pelo sistema judicial do rei. Um sistema falho, visto que o próprio rei e o palatino decidiram refazer perguntas para alguns servos e ex-servos, a fim de proteger a imagem do Ferenc Nádasdy dos relatos de que ele ajudava e ensinava a torturar, já que sua imagem era a de um homem que protegeu seu povo dos turcos. Além disso, tem-se informação de que Thurzó trocava cartas com os genros da condessa, com negociações sobre as terras e riquezas dos Báthory-Nadasdy.

Foi decidido entre o rei e o palatino Thurzó que, para não estragar a imagem do herói de guerra Ferenc Nádasdy, eles dariam seguimento à punição de Erzsébet, mas prendendo-a no castelo em vez de ser executada. Assim, as pessoas se esqueceriam dela e nunca mais

⁴⁴ Original: “[...] the four defendants placed the number of murdered girls in the range of thirty to fifty: Ficzkó estimated 37; Ilona Jó guessed 51, perhaps more; Dorka said 36; and Katalin put the number at 50.”

⁴⁵ Original: “civil authorities also relied on the practice: guilt was presumed; innocence had to be proven”

saberiam a seu respeito, já que Thurzó ficou encarregado de guardar os autos do processo de forma que nunca fossem encontrados.

Erzsébet foi mantida presa em uma torre no Castelo de Csejthe, com uma passagem para a entrada de alimentos e mantimentos, até sua morte em 1614. Seu corpo foi enterrado na igreja ou no cemitério do castelo. Porém, com a reclamação da população da região de que ela estaria enterrada em solo sagrado, a exumação de seu corpo teria, supostamente, sido realizada, e ele teria sido enviado e enterrado na cripta dos Báthory em Nyírbátor, sua cidade natal; outra possibilidade é a de que o corpo poderia estar em algum cemitério de Budapeste, onde já foi procurado entre os anos 1938 e 1995. Até hoje não se tem notícias concretas ou informações de onde ela poderia ter sido, realmente, enterrada.

Os autos foram encontrados, lidos e estão expostos no castelo de Bitča. Quem os encontrou foi um padre jesuíta, que não só o leu como inventou que a condessa tomava banhos de sangue. No capítulo seguinte, na seção sobre banhos de sangue, pretendo me aprofundar nos motivos pelos quais esse padre inventou os banhos. Essa história ainda é recontada até os dias atuais e perpetuada no imaginário coletivo.

Craft (2009) alega que, em nenhuma das três cópias dos autos do julgamento, a condessa teria tomado banhos de sangue ou que surgissem ideias de que ela poderia fazê-lo. Ela nos apresenta o pano de fundo que teria levado ao surgimento da lenda dos banhos, que parecem conversar com o imaginário relacionado a personagens vampirescos até hoje conhecidos.

3 ESTUDANDO O MONSTRO FEMININO

Ao longo de séculos, as mulheres sempre foram colocadas em um local como seres inferiores, submissos, que servem para procriar, meros instrumentos do prazer do homem. Para apresentar a imagem da mulher dentro da sociedade patriarcal, foram utilizados *Monster Theory* (1996), de J. J. Cohen, e *Visual Pleasure and Narrative Cinema* (1975), de Laura Mulvey. Diferentemente do que faz Mulvey no segundo artigo citado, o termo *male gaze* não será tratado aqui em relação a obras fílmicas, mas para ilustrar como Erzsébet Báthory era vista na sociedade em que vivia e como sua monstrificação a tornou parte da cultura popular do horror, sendo influente na ficção até hoje.

Se as mulheres são objetificadas como se servissem somente para gerar bebês para dar continuidade à linhagem masculina, acabam sendo impedidas de demonstrar o próprio pensamento crítico e de se impor socialmente. Quando uma mulher impõe seus desejos, vontades, pensamentos, ela é tratada como louca, provocadora, bruxa, maligna, maldosa, filha do diabo, etc. Os adjetivos são diversos, mas entre eles não há argumentos que expliquem o motivo pelo qual a imposição da mulher incomode tanto.

Em relação ao papel da mulher na sociedade patriarcal, Mulvey (1975) diz que

A mulher, então, ocupa, na cultura patriarcal, um lugar de significante ao outro masculino, restrita a uma ordem simbólica na qual ao homem é permitido dar vazão às próprias fantasias e obsessões – por meio do comando linguístico –, impondo-as à imagem silenciosa das mulheres, estas ainda presas ao lugar de portadoras, e não criadoras, de sentido (p. 15, tradução nossa).⁴⁶

Ou seja, esperava-se que a condessa se portasse como uma dama, gerando herdeiros ao Conde Nádasdy, agindo como uma peça importante no funcionamento da casa, sendo submissa às vontades do marido e do rei. Porém, considerando o que se descreve da personalidade e história pregressa de Erzsébet, ela não parecia disposta a se contentar com a submissão que dela era esperada em sua época; parecia, sim, buscar uma postura ativa em relação a suas necessidades e pensamentos, buscar um papel de liderança.

Dentro da história de vida de Erzsébet Báthory, pode-se ver como uma mulher vinda de uma família tão importante e imponente como a dela incomodaria os homens que a cercavam. Poderíamos nos perguntar se a razão disso seriam as riquezas que ela possuía em

⁴⁶ Original: “Woman then stands in patriarchal culture as a signifier for the male other, bound by a symbolic order in which man can live out his fantasies and obsessions through linguistic command by imposing them on the silent image of women still tied to her place as bearer, not maker, of meaning.”

vida, sua influência como mulher, ou mesmo sua reivindicação de querer ser vista de igual para igual em relação aos homens, já que, como dito anteriormente, ela havia tido uma educação igualitária dentro de casa.

A seguir, Mulvey (1975) discute a forma como, ao contrariar o que se espera dela em uma sociedade patriarcal e machista, a mulher é punida:

O poder de subjugar outra pessoa de forma sádica ou de fitar com voyeurismo é direcionado à mulher enquanto objeto [...]. O poder tem o respaldo da certeza de que se goza de direitos para tal e da já estabelecida culpa da mulher (o que evoca, em termos psicanalíticos, a castração). A verdadeira perversão se encontra parcamente escondida por uma máscara rasa de retidão ideológica – o homem se encontra no lado certo da lei, e a mulher, no errado (1975, p. 23, tradução nossa).⁴⁷

Desde a Idade Média vemos casos de mulheres sendo punidas ou tratadas como monstrosas por não aceitarem seu ‘lugar’ na sociedade. No caso de Báthory, quando ela perde o marido, passa a ser vista como vulnerável perante os olhos daqueles que a enxergam como objeto. Porém ela nunca foi uma mulher frágil.

Quando a culpam por punir seus criados e, conseqüentemente, matá-los, tratam-na como um ser maligno, porém a lei da época permitia que os nobres punissem quaisquer criados que estivessem em suas terras. Mas é como se a lei não valesse para ela, visto que era uma mulher, qualquer que fosse seu nível social. Assim que ficou viúva, perdeu sua imponência perante os homens da nobreza, possivelmente por ter muitas posses e muitas terras.

Não só a ideia de que a mulher é inferior ao homem interfere na culpabilização de Báthory, mas também o fato de ela ser herdeira e filha de George Báthory, nobre que teve embates políticos e religiosos com um dos reis mais poderosos da época em que vivera. George Báthory, ao se casar com sua esposa, Anna Báthory, teve conflitos não só políticos com Ferdinand I, Imperador do Império Austro-Húngaro, mas, também, religiosos. Ferdinand I, da família dos Habsburgos, era católico, assim como seus pais e assim como seus sucessores e descendentes.

O embate da já viúva condessa com o rei não era por conta das atrocidades das quais ela foi culpada, mas por ser luterana, pelo rei e a coroa habsburga deverem mais dinheiro do

⁴⁷ Original: “The power to subject another person to the will sadistically or to gaze voyeuristically is turned onto the woman as the object [...]. Power is backed by a certainty of legal right and the established guilt of the woman (evoking castration, psychoanalytically speaking). True perversion is barely concealed under a shallow mask of ideological correctness – the man is on the right side of the law, the woman on the wrong”

que poderiam pagar, pelo fato de as terras de Báthory produzirem muitas riquezas, e, principalmente, por ser esposa de um herói de guerra. Como o rei não tinha controle sobre Báthory, já que passou a não conseguir mais exercer tanta influência sobre ela quando o marido faleceu, e sendo Nadasdy responsável por diversas vitórias em guerras pela coroa – e, por isso, tendo conquistado muitas riquezas –, de certa forma o rei queria o controle sobre a condessa e sobre as suas terras.

O rei, sendo detentor de um poder inigualável sobre suas terras e súditos, faria qualquer coisa para mostrar sua força perante uma mulher que vem de uma linhagem de heróis e príncipes, de influência ímpar naquela sociedade europeia. O rei devedor e ambicioso, pensando em adquirir as terras da condessa, entra em contato com George Thurzó, a fim de se comunicar com os genros da condessa, que também queriam a parte deles da farta herança deixada por Ferenc Nádasdy. Seria fácil para o rei se apropriar de uma súdita, ainda mais se na sua história de vida existisse algum embate político com sua família, mesmo que não fosse diretamente consigo. Neste trecho de Cohen (1996), o autor descreve uma dinâmica comparável à descrita acima:

[...] [o monstro] delimita o espaço social pelo qual corpos culturais podem transitar, e, em épocas clássicas (por exemplo), dá validade a um rígido sistema hierárquico de liderança naturalizada e controle no qual cada homem tinha um posto funcional (p. 13, tradução nossa).⁴⁸

A objetificação que é imposta à mulher, na forma de monstrificação, é uma maneira de inferiorizá-la. Em *Monster Theory*, Cohen (1996) apresenta-nos diversas formas de como o corpo humano pode ser monstrificado. Em determinado trecho, o autor retrata como o corpo monstruoso conversa com seu próprio entorno, podendo adquirir características culturais, políticas, raciais, econômicas, sexuais (COHEN, 1996, p. 7). Nesse sentido, o corpo da Erzsébet Báthory torna-se monstruoso por ela ser mulher e, portanto, ela ter a necessidade de ser, supostamente, submissa dentro da sociedade em que se encontrava; entretanto, sendo aristocrata, tendo recebido uma educação diversa, sendo estudiosa, tendo posição de poder, ela desempenharia o papel social tanto de mulher quanto de homem simultaneamente. Ela ocupa um lugar de poder, posição esta que, em sua época, ficava restrita quase que exclusivamente a homens. Seria de se esperar que ela não se envolvesse em assuntos que não lhe dizem respeito, como assuntos financeiros. Erzsébet seguira os passos de seu marido

⁴⁸ Original: “[...] [the monster] delimits the social space through which cultural bodies may move, and in classical times (for example) validating a tight, hierarchical system of naturalized leadership and control where every man had a functional place.”

dentro de suas terras, tendo que coordenar uma multidão de criados; ela estava exercendo o mesmo papel que seu marido, mas em âmbitos diversos.

Em concordância com o que foi dito anteriormente, Fernanda da Rosa Schmitt (2020) e Gabriel da Fonseca Mayer (2021) discutem como a mulher em situações vulneráveis tende a ser monstrificada, perdendo sua humanidade frente a homens pertencentes a áreas como a política (o rei) e a religião (os pastores das igrejas dos castelos de Sárvár e Csejthe).

Além disso, Schmitt argumenta que mulheres em situação de vulnerabilidade em uma dada comunidade, às vezes em decorrência de sua própria independência, corriam um maior risco de serem acusadas de bruxaria. Nesse sentido, precisamos retomar a noção de processo de monstrificação e discutir a possibilidade de que, talvez, tenha sido este o caso quanto à caça às bruxas. Em favor de tal hipótese, seria possível que a inconformidade das mulheres um dia acusadas de bruxaria em relação ao que se esperava delas em termos de papéis sociais tenha sido vista como uma espécie de ameaça às figuras de autoridade, fossem elas líderes políticos ou religiosos de gênero masculino, em suas respectivas comunidades (MAYER, 2021, p.19, tradução nossa).⁴⁹

A questão é que os atos do marido eram vistos como heroicos, porque ele estava seguindo ordens do rei, além de ser homem, mas atos comparáveis aos dele supostamente feitos por Erzsébet, por outro lado, são vistos como condenáveis simplesmente por Erzsébet ser mulher. Quando se subvertem os papéis, a primeira coisa que se declara a respeito é que essa mulher só pode ser uma bruxa, uma feiticeira, um ser maligno, um monstro, filhas do diabo. Além disso, algumas passagens trazidas anteriormente da obra de Craft (2009) apresentam adjetivos monstruosos para caracterizar as mulheres: é dito que Báthory cometera “atos ferozes e inumanos” (CRAFT, 2009, p. 117, tradução nossa), e Anna Darvolya, criada de Báthory, é descrita como uma “fera selvagem em forma de mulher” (CRAFT, 2009, p. 62, tradução nossa).

Cohen (1996) discute a dualidade que o monstro carrega: “Todo monstro é, dessa forma, uma narrativa dupla, duas histórias em carne e osso: uma que descreve o processo de surgimento do monstro; e outra, o seu próprio depoimento, que detalha para qual uso cultural o monstro serve” (p. 13).⁵⁰ Isso vai de encontro à dualidade entre a multifacetada Erzsébet

⁴⁹ Original: “In addition to that, Schmitt argues that women in vulnerable situations in a community, sometimes for being independent, were most likely to be accused of witchcraft. In this sense, we must recall the notion of the monsterring process in order to point out that it might have been the case with witch trials. Accordingly, the nonconformity of those accused of being witches with the expected social roles may have been seen as a menace to the figures of authority in the communities, be it that of male political or religious leaders.”

⁵⁰ Original: “Every monster is in this way a double narrative, two living stories: one that describes how the monster came to be and another, its testimony, detailing what cultural use the monster serves.” (p. 13)

mulher, aristocrata, acusada e julgada, sem poder se defender; e a Erzsébet condessa, que tortura jovens mulheres e toma banho com seu sangue. Uma, a condessa real; e a outra, a fictícia.

Retomando a história dos banhos de sangue, Craft (2009) apresenta um possível surgimento da lenda:

Na década de 1720, um padre jesuíta chamado László Turóczi (Turóczy) encontrou os documentos selados referentes ao caso de Báthory no sótão do Castelo Bytca, onde o julgamento ocorrera. Intrigado, o Padre Turóczi utilizou partes dessa fonte original para seu livro [...] ('Hungria, um Compêndio Cronológico de seus Reis'), assim como relatos coletados de habitantes locais das cercanias do Castelo Csejthe. [...] Em uma época em que uma 'moda vampírica' varria a Europa, os aldeões compartilharam com ele suas lendas fascinantes a respeito da condessa vampira que se banhava em sangue para ficar bonita. [...] Na segunda metade do século XVIII, o escritor alemão Michael Wegener continuou disseminando a lenda a respeito dos banhos de sangue em sua obra [...] ('Escritos de Antropologia Filosófica'). Além disso, ele também adicionou novos detalhes a respeito de uma donzela cujo sangue jorrara no rosto da Condessa, criando, assim, o primeiro tratamento antienvelhecimento (p. 81, tradução nossa).⁵¹

Os banhos de sangue dificilmente poderiam se tratar de algo mais que uma lenda. Como afirma Craft (2009), a mitologia por trás de Báthory poderia ter se desenvolvido a partir da mente de Turóczy, um religioso que, como muito fez sua própria religião, talvez tenha mais desmerecido e culpabilizado outras religiões e povos do que qualquer outra coisa, além de misturar, conforme colocado pela autora, o registro de tradições orais a respeito de Báthory com historiografia de fato. Em sua obra *A psicologia das cores* (2017), Eva Heller discute no capítulo sobre a cor vermelha possíveis influências histórico-culturais relacionadas ao ato de se banhar em sangue:

Na época das perseguições, dizia-se que os cristãos degolaram uma criança nas celebrações da Santa Ceia, e que o vinho tinto que se bebia nesses rituais era, na realidade, o sangue de crianças assassinadas. Quando o cristianismo se tornou religião oficial, os cristãos lançaram a mesma calúnia contra os judeus (HELLER, 2017, p. 55).

⁵¹ Original: "In the 1720's, a Jesuit priest named László Turóczi (Turóczy) discovered the sealed trial documents relating to the Báthory case in the attic of Bytca Castle, where the court proceedings had taken place. Intrigued, Father Turóczi used portions of this original source information for his book [...] ('Hungary, a Dated Compendium with its Kings'), along with stories he collected from locals living in the villages surrounding Castle Csejthe. [...] At a time when 'vampire mania' was sweeping Europe, the villagers shared their fascinating legends with him about the vampire countess who had bathed in blood to look beautiful. [...] In the latter part of the 18th century, German writer, Michael Wegener, continued to spread the blood bathing legend in his work [...] ('Articles on Philosophical Anthropology'). He also contributed new details about a maiden whose blood supposedly splattered on the Countess' face, thus creating the first anti-aging treatment."

Até os dias atuais, durante as missas católicas, por exemplo, durante o sacramento, o padre ergue uma taça de vinho em uma das mãos e, na outra, uma hóstia. A hóstia representa o corpo de Cristo; já o vinho, o seu sangue. Não é coincidência que a palavra sacramento lembre sacrifício. Muitos dos costumes religiosos cristãos incorporaram os costumes pagãos.

Delumeau (1996), em *História do medo no Ocidente (1300-1800)*, relata um episódio em que houve rumores de que crianças abandonadas ou órfãs nas ruas de cidades francesas em 1750 estavam sendo raptadas com o objetivo de utilizar seu sangue para curar um príncipe leproso (p. 180). Como não se sabia ao certo o paradeiro das crianças, surgiu um rumor de que um príncipe precisava de seu sangue puro para banhar-se e curar suas feridas. Esse não foi o único dos rumores que correram pelas ruas francesas naquela época. Também se especulava o medo do “perigo luterano” (p. 183), em que

[...] no decorrer dos conflitos religiosos do século XVI, os ‘pregoeiros’ católicos [...] taxaram de fraqueza os tribunais encarregados de castigar os ‘luteranos’, [...] compararam Catarina de Médicis a Jezebel ou Henrique III a Acab porque permitiam a introdução de uma nova religião não menos perniciosa que a de Baal, e não tornaram o protestantismo responsável pelas desgraças [...] que a cólera de Deus enviava à França! (p. 192).

O perigo luterano/protestante gerava disputas de poder entre a nobreza, por alguns se converterem a uma religião mais ou menos importante e, em muitos casos, como o de Erzsébet Báthory, diferente da de seus regentes – no caso dela, católicos.

Heller (2017) ainda relembra que os sacrifícios com sangue são um conceito um tanto comum. Eram feitos para alegrar os deuses em algumas religiões, em que se oferecia sangue animal ou até mesmo de crianças – este, visto como mais valioso, talvez por ser considerado livre de impurezas mundanas.

É relatado que a beleza de Báthory era invejável. Segundo os rumores de então, a condessa só seria bela porque se utilizaria de feitiçaria para tal. É isso que afirma Craft (2009),

Muito já foi dito a respeito de Erzsébet manter sua beleza por meio do uso de feitiçaria; mais especificamente, que ela costumava drenar o sangue de suas vítimas com o objetivo de banhar-se nele e, dessa forma, restaurar a juventude e a vitalidade de sua aparência (p. 81, tradução nossa).⁵²

Para isso, quantas garotas teriam que perder suas vidas? Façamos um breve cálculo para estimar a plausibilidade de uma afirmação como essa. Vamos supor que Báthory tomasse

⁵² Original: “Much has been said that Erzsébet maintained her beauty through sorcery; specifically, she drained her victims of blood so as to bathe in it and thereby restore youthfulness and vitality to her appearance.”

banho de sangue, digamos, uma vez por semana. Se tivesse uma banheira comum, a quantidade de sangue de que precisaria seria de em torno de 150 litros. Para encher essa banheira, considerando-se que cada corpo humano comporta cerca de 5 litros de sangue, ela precisaria assassinar pelo menos 30 garotas por banho. Parece razoável dizer que um cenário assim seria um tanto impraticável. Entretanto, mesmo assim, Erzsébet Báthory consta como recordista de ‘mais prolífica assassina’ no Guinness World Records, tendo, segundo lá consta, matado mais de 600 virgens para beber seu sangue e nele se banhar, como uma maneira de retardar seu envelhecimento e sempre parecer jovem.

Nesse sentido, torna-se mais evidente a forma como, no caso de Báthory, rumores, pré-julgamentos e um certo nível de nebulosidade entre os limites do que é factual e o que é mito levaram ao exagero e à monstrificação. Primeiramente porque a informação de quantas garotas foram torturadas e assassinadas muda dependendo de quem era questionado. Além disso, as histórias das torturas e assassinatos começaram a partir de rumores que facilmente se espalharam pela população da região dos castelos da família Báthory-Nádasdy.

Em segundo lugar, não se pode levar tais rumores como verdades; afinal, a pertinência dessas testemunhas é altamente questionável, visto que diversas delas não tinham sequer acesso aos castelos e terras da condessa. Além disso, consta em registros do julgamento que os criados de Báthory foram torturados para obterem respostas desejáveis.

Outra informação que contradiz a possibilidade de que a condessa realmente tomasse banho com o sangue de suas vítimas é o relato de sua criada mais fiel:

Segundo Ilona J6 [...], a Condessa jogava fora suas roupas ensanguentadas, deixava que o sangue fosse desperdiçado ao escorrer nas camas e até mesmo ordenava que fosse lavado do chão de pedra – algo que dificilmente iria condizer com alguém que precisasse desesperadamente de banhos anti-envelhecimento (CRAFT, 2009, p. 83, tradução nossa).⁵³

As torturas normalmente aconteciam, em sua maior parte, na cozinha e na lavanderia, locais onde seria mais fácil a limpeza e escoamento do sangue derramado. Logo, seria mais plausível que, de fato, a questão do banho de sangue fosse algo restrito a um imaginário mítico.

Uma das primeiras ocasiões em que o conceito de banhar-se em sangue pode ser encontrado é nas lendas de Siegfried, parte da mitologia nórdica. Em um trecho de *The Nibelungenlied*, que é poema épico que teria sido escrito por volta de 1200 d.C, cujo título é

⁵³ Original: “According to Ilona J6 [...] the Countess threw off her blood-sodden clothing, let blood wastefully sop into the beds, and even ordered it washed off the stone pavement and floors - hardly the action of someone who desperately needed it for anti-aging baths.”

frequentemente traduzido para o português brasileiro como *A Canção dos Nibelungos*, o personagem Siegfried se banha no sangue de um dragão, o que faz com que se torne invencível e impenetrável, exceto em uma pequena região do corpo onde uma folha se aderiu ao seu dorso durante o ritual, impedindo o contato direto do corpo com o sangue; este seria seu único ponto vulnerável, e mais tarde o levaria à morte.

Ainda mais sobre ele sei, / um feito então a mim contado.
Um dragão, sinuoso monstro, / abateu, tal heroi ousado.
E ao no sangue se banhar, / sua pele se faz rija elementar
Como couraça, nem uma lança, / dizem, ser capaz de perfurar
(Estrofe 100).⁵⁴

Podemos, ainda, perceber que a ideia de que banhos de sangue retardariam o envelhecimento e manteriam a mulher bela ainda é disseminado nos dias atuais. Por exemplo, na imagem a seguir, a influenciadora Bic Müller, na rede social Twitter, faz uso do imaginário de que o sangue de virgens serviria para manter a beleza para apontar como está a imagem de Flordelis (Imagem 3), uma pastora evangélica, que é culpada por assassinar seu marido e que é amiga da ex-primeira dama brasileira, Michele Bolsonaro. A relação do caso Flordelis com coisas abjetas como banhos de sangue foi algo presente na mídia e em redes sociais, e é preciso destacar isso, independente da veracidade ou não de tais alegações.

Imagem 3 – Tweet relacionando Flordelis a banhos de sangue.



Fonte: Twitter Bic Müller (@bicmuller)

⁵⁴ Original: “Still know I more about him, / that has to me been told.
A dragon, wormlike monster, / slew once the hero bold.
Then in its blood he bathed him, / since when his skin hath been
So horn-hard, ne'er a weapon / can pierce it, as hath oft been seen.”
[retraduzido a partir do inglês; o texto original é em alto alemão médio]

De forma semelhante, perdura até hoje o rumor de que Báthory teria tido uma gravidez resultante de um estupro. O nome da suposta filha seria Anastácia Báthory. Craft (2009, p. 31) menciona um rumor sobre um suposto crime de estupro que a jovem Erzsébet Báthory teria sofrido, quando noiva de Nádasdy, por um homem chamado László Bende. Esse estupro teria gerado um bebê fora do casamento e por isso a notícia teria sido abafada para que a imagem do casal não fosse afetada. Entretanto, Craft aponta que os dois documentos que registrariam o evento do estupro e da posterior gravidez, conforme a pesquisa da autora, seriam datados de um ano em que Báthory já teria 49 anos; portanto, a veracidade desses registros torna-se altamente questionável. Na verdade, na época em que esses dois documentos são criados, Erzsébet já era viúva de Ferenc Nádasdy. Poderíamos levantar tanto a possibilidade de isso se tratar de um erro de registro, como, é claro, a de se tratarem de documentos forjados com a intenção de prejudicar a condessa.

4 BÁTHORY, A CONDESSA SANGRENTA

Alejandra Pizarnik, em seu livro *A Condessa Sangrenta*, apresenta uma leitura de Erzsébet Báthory tendo como base a obra de Valentine Penrose (1962), *Erzsébet Báthory, la Comtesse sanglante*. Pizarnik faz uma representação vilanesca de Báthory, colocando-a no lugar de protagonista, fazendo uso do imaginário disseminado pela Europa após sua morte.

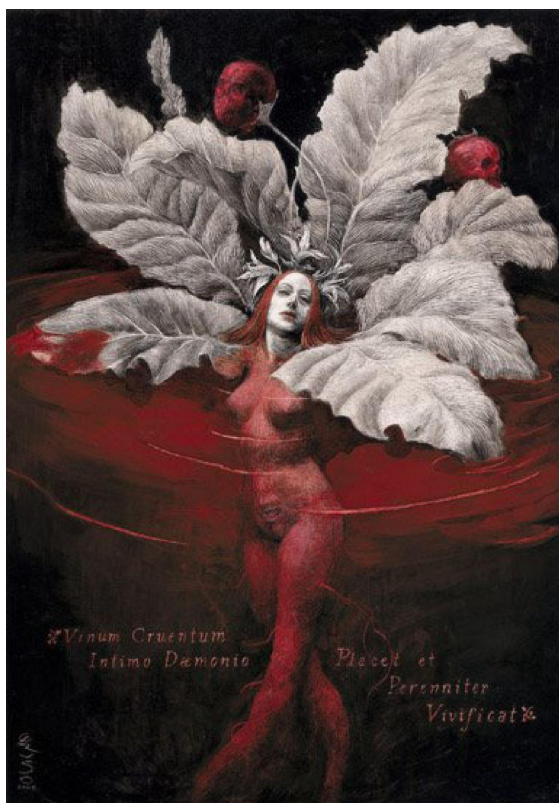
Segundo Pizarnik, Penrose havia feito um estudo a respeito da condessa. Porém, é possível perceber que tal estudo se baseava muito nos rumores, misturando de forma poética a figura histórica de Báthory com sua contraparte fictícia e a mitologia criada ao seu redor. Não se pode negar que a perpetuação dos rumores foi a base da criação das lendas da condessa húngara que se banhava em sangue para se manter jovem. Porém, com o passar dos anos, os relatos e detalhes a respeito de Báthory dão corpo a um imaginário coletivo, que vai se transformando de acordo com suas representações em diferentes mídias e na cultura popular em geral, um processo semelhante à própria literatura oral. Pesquisadores como Craft, que se aprofundaram na história de Báthory com o passar do tempo, redescobriram essa personagem, tornando possível questionar diversas características frequentemente tomadas como verdade a respeito da Condessa Báthory; seja a partir de falhas e discrepâncias entre fontes diferentes ou por meio de informações que constam nos autos, além de outros documentos da época. Muito desse material, inclusive, foi traduzido para o inglês pela primeira vez pela própria Craft.

Por outro lado, se não tivéssemos esses rumores e lendas criados a respeito de Báthory, nunca teríamos lido obras como *Drácula*, de Bram Stoker, como argumenta Zanini (2007): “Bathory bebia sangue porque acreditava que a substância tivesse propriedades de rejuvenescimento; e, de fato, Stoker incorpora essa característica, pois Dracula fica mais jovem ao se alimentar com sangue” (p. 103).⁵⁵

Diferente da abordagem que empregamos com a obra de Craft, trataremos a obra de Pizarnik (2011) como ficcional, uma vez que ela incorpora em seu trabalho o imaginário que cerca Báthory, contrapondo-se diretamente com o que Craft aborda em sua pesquisa. A obra de Pizarnik (2011) é separada em 12 capítulos, retratando a condessa Erzsébet Báthory como sádica, louca e vampiresca, e conta com ilustrações de Santiago Caruso (Imagem 4).

⁵⁵ Original: “Bathory drank blood because she believed it had rejuvenating properties, and in fact Stoker borrows that feature as Dracula grows younger by feeding on blood.”

Imagem 4 – Báthory em *A Condessa Sangrenta*



Fonte: Pizarnik (2011, p. 38), ilustração de Santiago Caruso

No primeiro capítulo, intitulado *A Condessa Sangrenta*, a autora relata como Penrose vê a Condessa como um ser de ‘beleza convulsiva’, colocando-a em um pedestal, como que para ser admirada. Traz a imagem de que a condessa é uma figura silenciosa e pálida, o que pode representar que ela não precisaria vocalizar ordens às suas criadas, apenas olhares. Apresenta o mundo de Báthory como um ‘reino subterrâneo’, onde seriam cometidos seus atos inumanos de tortura, onde se ouviriam gritos, enquanto a bela condessa, sentada em seu trono, veria e ouviria tudo, saboreando cada uma das torturas feitas pelas mãos daquelas sob seu comando. Sua alvidez remeteria à imagética que temos da Condessa Báthory ser uma figura vampiresca, que necessita de sangue para se manter bela e jovial.

O segundo capítulo, *A Virgem de Ferro*, relata uma compra feita pela condessa, na cidade de Nuremberg, de um autômato chamado ‘a virgem de ferro’. O autômato, tendo cabelos longos e loiros, coloração que remete à pele humana branca, possuindo um sorriso e até joias, estas que servem como botões que ativam e desativam suas funções maquiavélicas. A vítima, que nesse caso seria uma jovem garota, seria posta despida, em frente ao autômato, que seria então acionado e, com seus braços metálicos, a abraçaria, revelando, de seus seios, cinco punhais afiados, estes que atravessariam o corpo ali presente em um abraço fatal.

Somente após a morte da vítima que seus braços a libertariam. Esse assassinato pode ser lido como sendo a própria condessa em um ato sexual com uma de suas vítimas.

No capítulo seguinte, *Morte por Água*, Pizarnik relata um rumor de que, em uma viagem, Báthory, já entediada e em pleno inverno, chama uma de suas criadas, a fim de que ela pegue água gelada para ela. Por conta da condessa já estar com um humor não muito bom, ordena que parem a carruagem para que a garota desça e manda a jovem se despir em plena noite de inverno, obrigando-a a mergulhar em um lago gelado. Ela teria morrido ali mesmo, de frio, congelada em pé. Craft (2009) também menciona a história de que uma garota havia sido obrigada a se despir e entrar num rio à beira da estrada enquanto a condessa ordenava que ela mergulhasse repetidamente, resultando, também, na morte da jovem por congelamento.

Em *A Gaiola Mortal*, uma garota nua é colocada em gaiola junto a uma das servas da condessa, e é ameaçada de ter a pele queimada por um atizador quente. Embaixo da gaiola, sentada em uma banquetta, está Erzsébet, tomando seu banho, em silêncio. A gaiola faria as vezes de virgem de ferro, visto que seu propósito seria semelhante, torturar as vítimas, permitindo que sangrassem ao serem machucadas por pontas afiadas. Porém, diferentemente do autômato, a condessa se aproveitaria do sangue inocente derramado para realizar seu banho de beleza. Além disso, Pizarnik traz a fascinação da condessa por vestidos brancos, estes que se tornam vermelhos por conta do sangue derramado e jorrado das vítimas. É interessante notar aqui a presença de queimaduras de pele na história, que remete a um dos mais relevantes depoimentos registrados em relação a Báthory, como discutido anteriormente.

O capítulo *Torturas Clássicas* também traz narrações semelhantes, torturas feitas com costuras, queimaduras por atizadores e até com açoites: “[...] as criadas flagelavam as jovens garotas até que a pele do corpo se dilacerasse e as moças se transformassem em chagas tumefatas” (PIZARNIK, 2011, p. 17). A condessa arrancaria as peles soltas das suas vítimas com pinças, para que sofressem mais. Pizarnik se utiliza da desumanização, caracterizando-a como um ser animalesco quando diz que Erzsébet gritava feito loba durante suas crises eróticas, que ocorriam enquanto assistia ou mesmo torturando. Esse trecho parece fazer alusão às já mencionadas comparações de Báthory a figuras animalescas. Além disso, tais torturas ocorreriam em um quarto cheio de gatos pretos, remetendo ao imaginário de bruxas, ocultismo e feitiçaria, assuntos que muito interessavam, segundo Craft (2009), à Báthory real.

Já no capítulo *A Força de um Nome*, os Báthory são apresentados como cruéis; é mencionado que o escudo da família possui dentes de lobo, trazendo à tona mais uma vez a animalização da figura da condessa. Mas o que poucos sabem é que, na realidade, não são

dentes de lobo, mas sim as garras do dragão que o ancestral dos Báthory teria matado. A lenda diz que, quando o dragão foi morto, os Báthory teriam se transformado em uma família de bravura. Pode remeter às lendas nórdicas dos dragões e do banho de sangue da *Canção dos Nibelungos*, ou até mesmo remeter à família dos Dracul, também fazendo referência a Drácula.

Além disso, sua obra fala dos problemas por consanguinidade na família, algo que justificaria toda a maldade dos Báthory. Em contraposição, já discutido, os pais de Erzsébet teriam vindo de duas ramificações diferentes da mesma família, tendo tido várias trocas genéticas; logo, não caberia uma consanguinidade direta, não como seria o caso se eles fossem primos-irmãos, por exemplo. Além disso, Pizarnik conta a história de que uma das tias de Erzsébet, Klara, havia se casado mais de quatro vezes, tendo matado seus dois primeiros maridos. Seu marido e ela foram abordados em sua última viagem pelas terras húngaras por turcos sedentos. Ela foi violentada e, em seguida, assassinada com punhais.

Pizarnik parece tender a colocar a mulher em local de culpa e como merecedora de punições e julgamentos cruéis, como podemos ver em *Um Marido Guerreiro*. Pizarnik (2011) apresenta Ferenc Nádasdy como um homem que não conhecia a mulher com quem se casara, dando a entender que ele não sabia das torturas. Tem-se a sensação de que a autora procura apagar a imagem de Ferenc, já que a verdadeira protagonista aqui é Erzsébet, que é tratada como monstruosa. Isso vai de encontro ao que defendiam o rei Mathias II e o palatino György Thurzó, de que a imagem de Ferenc deveria seguir intacta como herói de guerra querido pelo povo, sem qualquer responsabilidade a respeito do que sua esposa era acusada, enquanto a história da condessa era apagada aos poucos.

Em *O Espelho da Melancolia*, a autora fala que Báthory teria criado um espelho para ficar se admirando por horas. A ideia de se olhar no espelho remete à vaidade que ela teria, uma característica, de fato, sinalizada por Craft (2009).

A autora discute, ainda, a possibilidade de que a condessa poderia ter relações homossexuais, já que ela habitava um castelo com muitas mulheres, vivendo em um âmbito exclusivamente feminino. É dito, também, que as criadas relatavam que ela receberia, à noite, em seus aposentos, visitas de feiticeiras ou outras nobres. Não se tem certeza se os encontros seriam para torturar em conjunto ou se compartilhavam outros prazeres.

No capítulo *Magia Negra*, Pizarnik discute a possível prática de Báthory de magia, para afastar a velhice com uso de talismãs e preces. Esta última seria a que o pastor de Csejthe relata ter ouvido a condessa proferir para se salvar antes de ser levada à prisão. No livro da Pizarnik (2011), essa seria uma prece que ela recitaria seguidamente ao longo da

vida. É interessante notar que a prece que Pizarnik (2011) apresenta é claramente uma adaptação da prece registrada em Craft (2009):

Ajudeis-me, ó, nuvens! Ajudeis-me, céus, deis saúde, deis saúde a Erzsébet Báthory! Mandais, ó, mandais a mim, céus, 90 gatos! Eu lhe peço, Líder dos Gatos, que ouças meu comando e reúna-os, onde quer que estejam, além do mar – que esses noventa gatos vão a vós e, de vós, hão de ir diretamente ao coração do Rei Mátyás e também ao coração do Palatino! Que da mesma forma abocanhem à ruína o coração de Megyeri e o coração de Mózes Cziráky, para que Erzsébet Báthory não haja de sofrer e lamentar. Santa Trindade, que assim seja! (CRAFT, 2009, p. 130).⁵⁶

Em Pizarnik (2011), a prece adquire o seguinte formato:

Isten [‘deus’, em húngaro], ajuda-me; e tu também, nuvem que tudo pode. Protege a mim, Erzsébet, e dá-me uma vida longa. Oh, nuvem, estou em perigo. Envia-me noventa gatos, pois tu és a suprema soberana dos gatos. Ordena-lhes que se reúnam vindos de todos os lugares onde moram, das montanhas, das águas, dos rios, da água dos telhados e da água dos oceanos. Diga-lhes que venham rápido para morder o coração de... e também o coração de... e o de... Que dilacerem e mordam também o coração de Megyery, o Vermelho. E guarda Erzsébet de todo o mal (p. 40).

Na obra de Pizarnik (2011), o uso de preces seria mais uma de suas obsessões para afastar a velhice, vivendo sempre rodeada de talismãs. Já na de Craft (2009), as preces eram utilizadas para proteção para si e para os que ela quisesse manter por perto. Ambas as preces relatam a necessidade de gatos, para morderem os corações de quem queria o seu mal; por outro lado, na prece de Pizarnik, Báthory se dirige a Deus, enquanto na de Craft (2009), a prece é lançada aos céus.

Em *Banhos de Sangue*, Darvúlia, uma bruxa da floresta, seria quem ensinara à Báthory as maravilhas do uso do banho com sangue de virgens para manter e recuperar a beleza e juventude da condessa. O sangue nobre seria o mais indicado, para surtir mais efeito. Curiosamente aqui vemos que Pizarnik (2011) combinou Darvolya (antiga cuidadora dos filhos da Báthory) e Erzs Majorova (feiticeira da floresta) em uma personagem só, que, assim como a verdadeira Darvolya, sai de cena quando a situação complica para Báthory – porém, neste caso, por ter morrido de velhice.

⁵⁶ Original: “Help, oh help, you clouds! Help, clouds, give health, give Erzsébet Báthory health! Send, oh, send forth, you clouds, 90 cats! I command you, Leader of the Cats, that you hear my command and assemble them together, from wherever they may be, whether they are on the other side of the mountain, beyond the water, beyond the sea – that these 90 cats come to you and, from you, should go straight into the heart of King Mátyás and also the heart of the Palatine! In the same way should they chew to pieces the heart of Red Megyeri and the heart of Mózes Cziráky, so that Erzsébet Báthory shall not suffer any grief. Holy Trinity, so it is done!”

No capítulo *Castelo de Csejthe*, o local de mesmo nome é retratado como um labirinto, que seria mal iluminado, frio, com cheiro de sangue. Mulheres mais velhas são retratadas como sujas, malcheirosas, feias, perversas, passando dias e noites solitárias contando histórias para a condessa, que, sem muito o que fazer, trocava quinze vezes de roupa e ficava o dia inteiro apreciando suas joias. Aqui vemos uma condessa que pensava no futuro dos filhos, mantendo tudo nos mínimos detalhes, administrando cada bem com maestria.

O capítulo *Medidas Severas* trata da ideia de que os Habsburgos protegiam a Condessa por ela ser da família dos Báthory. Thurzó seria o encarregado de puni-la, cogitando decapitá-la. Um caderno da condessa foi encontrado com todas as possíveis mortes que ela cometeu, trazendo em si a quantidade de 610 vítimas. Na obra de Craft (2009), sabe-se que esse caderno era, na realidade, o documento que o Reverendo Barosius havia escrito, tomando nota de cada morte que acontecia no castelo, e que ele havia sido entregue ao rei como prova das atrocidades feitas por Báthory.

5 CONCLUSÃO

A perpetuação de representações deformadas da imagem de mulheres da história mundial, transformadas em seres bestiais, loucos, malignos e animais, é o reflexo de uma sociedade patriarcal impregnada de machismo. Das mulheres que não sofreram apagamento histórico, a grande maioria, senão todas elas, são tratadas com algum adjetivo negativo, ao passo que a imagem masculina, com raras exceções, costuma ser vinculada a adjetivos positivos, que engrandecem a imagem do homem. Vemos um ótimo exemplo dessa dinâmica social nos pais de Ferdinand I, rei húngaro: sua mãe era Joana I de Castilla, *a louca*; e seu pai, Felipe de Habsburgo, *o belo*.

Erzsébet Báthory recebeu também uma alcunha: *Condessa Sangrenta*. Ela foi julgada e culpada por seus atos. Porém, se a condessa fosse homem, talvez nunca tivesse sido incriminada ou sequer julgada. Se seu marido ainda estivesse vivo, sua imagem masculina serviria como proteção para a imagem de Báthory.

As provas, cuja confiabilidade é altamente questionável, consistiam em relatos e depoimentos de seu julgamento dados por pessoas que mal a conheciam, ou de vassallos e criados de vizinhos de divisa de território, que nunca sequer entraram em suas terras e castelos. Isso salienta enfaticamente a possibilidade de que seu julgamento e sua responsabilização poderiam facilmente ter sido forjados. Com a Coroa Húngara devendo dinheiro para a família Báthory-Nádasdy, sabendo que Erzsébet havia ficado com todas as riquezas de seu marido, além de ainda ter as suas próprias, e que seus herdeiros seriam seus três filhos vivos, parece razoável de se imaginar que o rei, o palatino e outras pessoas da nobreza tivessem interesse em ficar, cada um, com uma fatia para si. Afinal, para eles a condessa era um ser vulnerável e passível de perder um julgamento fundamentado em rumores.

Ela, sendo uma mulher em posição de poder, poderia representar uma ameaça à ordem social então estabelecida, e líderes religiosos e políticos, temendo perderem parte de sua influência, facilmente enxergariam em pessoas como ela a figura de bruxas, feiticeiras e seres animais. Assim se estabelecia uma dinâmica de monstrificação tal qual descreve Cohen (1996), desumanizando Báthory de forma extremamente conveniente àqueles já no poder e restringindo-a à condição de mera portadora, e não criadora, de significado, como colocado por Mulvey (1975). Vendo-a como uma criatura bestial, um ser inumano, que faz pactos com o demônio, o patriarcalismo cria uma justificativa para tirar Báthory do caminho e tomar para si suas posses.

Ao julgá-la e disseminar amplamente as supostas histórias de que Báthory teria relação com práticas hediondas como o banho de sangue, sacrifícios humanos, entre tantos outros absurdos, percebe-se uma tentativa de se apagá-la da História. Entretanto, curiosamente, hoje encontramos informações mais confiáveis a respeito de quem Erzsébet Báthory foi. Não apenas isso, Báthory deu origem a um personagem mítico, dando forma e contribuindo com diversos conceitos extremamente populares na cultura pop, como o vampirismo e a bruxaria, participando de uma retomada da figura da mulher monstruosa como protagonista e reivindicando igualdade em questão de representatividade e participação social. Levando em consideração a personalidade e história pessoal de Báthory tal qual são apresentadas em Craft (2009), ela parece ser exatamente o tipo de mulher descrito por Moi (1995) ao discutir a monstrificação feminina, “A mulher monstro é aquela mulher que não abre mão da própria personalidade, que age de acordo com a própria iniciativa, que tem uma história própria para contar – em suma, uma mulher que se opõe ao papel de submissa” (p. 68).⁵⁷

A monstrificação da imagem da condessa, embora tenha sido uma tentativa de apagá-la, acabou causando sua perpetuação. Informações coletadas por Craft (2009) fornecem um panorama detalhado da situação de Báthory em sua época, levantando de forma significativa a possibilidade de que as diversas incongruências e inconsistências nos relatos que acusavam Báthory sejam assim, tão questionáveis, porque seu julgamento poderia ter sido, na verdade, um acerto de contas.

⁵⁷ Original: “El monstruo mujer es aquella mujer que no renuncia a tener su propia personalidad, que actúa según su iniciativa, que tiene una historia que contar - en resumen, una mujer que rechaza el papel sumiso”

REFERÊNCIAS

- BAKRA, The. *In*: OUTLANDER. Criado para a televisão por Ronald D. Moore. Direção de Charlotte Brändström. Estados Unidos: Sony Pictures Television, 2017. 56min, son., color. Temporada 3, episódio 12. Série exibida pela Star+. Acesso em: 06 dez. 2022.
- BYRON, Lord. **The complete works of Lord Byron Volume I**. Nachdruck der Ausgabe von 1866ed. Norderstedt: Hansebooks GmbH, 2016.
- CHECKING IN. *In*: AMERICAN Horror Story. Criação de Ryan Murphy e Brad Falchuk. Direção de Ryan Murphy. Estados Unidos: 20th Century Fox Television, 2015. 62min, son., color. Temporada 5, episódio 1. Série exibida pela Star+. Acesso em: 11 jan. 2023.
- COHEN, J. J. Monster culture (seven theses). *Em*: COHEN, J. J. (ed.). **Monster theory: reading culture**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996. p. 3–25.
- CRAFT, Kimberly L. **Infamous lady: the true story of countess Erzsébet Báthory**. 1st eded. Lexington, Ky.: Kimberly L. Craft, 2009.
- DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente: 1300-1800 uma cidade sitiada**. Tradução: Maria Lucia Machado; Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- GUINNESS WORLD RECORDS. **Most prolific female murderer**. Disponível em: <https://www.guinnessworldrecords.com/world-records/most-prolific-female-murderer>. Acesso em: 14 jan. 2022.
- HELLER, Eva; HELLER, Eva. **A psicologia das cores: Como as cores afetam a emoção e a razão**. Tradução: Maria Lúcia Lopes da Silva. Osasco: Olhares, 2021.
- MAYER, Gabriel da Fonseca. **Guillermo del Toro's monstrous filmmaking: a demonstration of monstrosity**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Letras: Tradutor Português e Inglês) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021. Disponível em: <http://bit.ly/gdt-monstrosity>. Acesso em: 20 set. 2022.
- MOI, Toril. **Teoría Literaria Feminista**. 2ª edição. Madrid: Cátedra, 1995.
- MULVEY, L. Visual Pleasure and Narrative Cinema. **Screen**, [s. l.], v. 16, n. 3, p. 6–18, 1975.
- NIBELUNGENLIED, The. Traduzido por G. H. Needler. [S. l.]: Project Gutenberg, 2005. *E-book*. Disponível em: <https://www.gutenberg.org/files/7321/7321-h/7321-h.htm>. Acesso em: 02 mar. 2023.
- PENROSE, Valentine; TROCCHI, Alexander. **The bloody countess**. Place of publication not identified: Sun Vision, 2012.
- PIZARNIK, Alejandra. **A condessa sangrenta**. Tradução: Maria Paula Ribeiro. São Paulo: Tordesilhas, 2011.

REYES FERRER, María. La representación de la maternidad en la literatura italiana: el caso de Juana I, Semíramis y Erzsebet Bathory. **Tonos digital**, Múrcia, n. nº 32, p. 1–16, 2017.

REYES FERRER, María. Mujer y poder: reinas, condesas, aristócratas e indómitas guerreras. **Revista Internacional de Culturas y Literaturas**, [s. l.], n. 15, p. 115–128, 2014.

SCHMITT, Fernanda da Rosa. It's witch, bitch: as bruxas de American Horror Story, os estereótipos e suas perversões. *Em: MONSTARS: MONSTRUOSIDADES E HORROR AUDIOVISUAL*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2020. p. 257–272. *E-book*. Disponível em: http://www.dialogarts.uerj.br/admin/arquivos_tfc_literatura/Monstars.pdf. Acesso em: 2 fev. 2021.

TELFER, Tori. **Lady killers: assassinas em série**. Tradução: Daniel Alves da Cruz; Marcus Santana. Rio de Janeiro: DarkSide Books, 2019.

TWITTER BIC MÜLLER. **Acabou o estoque de sangue de virgens da Flordelis**. Curitiba, 10 nov. 2022. Twitter: @bicmuller. Disponível em: <https://twitter.com/bicmuller/status/1590883875341103105>. Acesso em: 15 fev. 2023.

ZANINI, Claudio Vescia. **The myth of the vampire and blood imagery in Bram Stoker's Dracula**. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.